

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE DANÇA – BACHARELADO

Giullia Almeida Ercolani

**IDENTIDADE MOVEIDIÇA: OS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE
CULTURA**

Santa Maria, RS
2021

Giullia Almeida Ercolani

IDENTIDADE MOVEIDIÇA: OS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE CULTURA

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Dança – Bacharelado, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharela em Dança**.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Naim Haddad

Santa Maria, RS
2021

Giullia Almeida Ercolani

IDENTIDADE MOVEVIÇA: OS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE CULTURA

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Dança – Bacharelado, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharela em Dança**.

Aprovado em 10 de fevereiro de 2021:

Luiz Naim Haddad, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Mônica Correa de Borba Barboza, Dra. (UFSM)

Odailso Sinvaldo Berte, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS
2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, meu esteio, meu porto seguro! Àqueles que sempre estiveram ao meu lado, apoiando-me e incentivando-me a concretizar os meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo milagre da vida. Sou grata também à minha família, à minha filha pet, Amora, amor da minha vida! Aos amigos, aos professores do Colégio Franciscano Sant'Anna, do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em especial ao meu orientador, Professor Luiz Naim Haddad, à Professora Mônica Correa de Borba Barboza e ao Professor Odailso Sinvaldo Berte; aos que colaboraram com minha pesquisa, a saber: Saigon Quevedo, Sérgio Marques, Olimar de Oliveira, Rosane Jupira Bicca, Gládis Lima, Leonardo Ribeiro e Karen Tolentino; à minha primeira coreógrafa de samba, Kellen Aline Karsten Favarin (*in memoriam*) que tanto contribuiu para que eu trilhasse o caminho do samba. Também não posso esquecer da minha mamis poderosa, Mirela, e do meu papis soberano, Marcelo, por serem meus grandes incentivadores e maiores fãs! Por fim, demonstro minha gratidão ao fundador da nossa querida Universidade Federal de Santa Maria, Professor José Mariano da Rocha Filho, pois sem a coragem e determinação desse homem que recebeu a distinção de Gaúcho do Século XX, eu não teria cursado Dança na minha estimada Terra natal, onde encontra-se a primeira universidade federal criada no interior do Brasil. Muito obrigada a todos!

Depois de tudo

De tudo ficaram três coisas...

A certeza de que estamos começando...

A certeza de que é preciso continuar...

A certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar...

Façamos da interrupção um caminho novo...

Da queda, um passo de dança...

Do medo, uma escada...

Do sonho, uma ponte...

Da procura, um encontro!

Fernando Sabino, *O Encontro Marcado*.

Trecho adaptado de "III – O Escolhido",
do livro "O Encontro Marcado", de
Fernando Sabino.

RESUMO

IDENTIDADE MOVEDIÇA: OS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE CULTURA

AUTORA: Giullia Almeida Ercolani
ORIENTADOR: Luiz Naim Haddad

Santa Maria, município brasileiro localizado na região central do Rio Grande do Sul, é reconhecido oficialmente como “Cidade Cultura”, desde 1968, por meio da lei municipal n.º 1322/1968. Flôres (2007), registra a ocorrência de intensas atividades culturais na cidade, impulsionadas, sobretudo, pela ferrovia. Nesse contexto, o samba, registrado como patrimônio cultural imaterial do país, inicia sua jornada no Coração do Rio Grande, no começo da década de 1930, desembarcando na estação ferroviária, com militares vindos de diversas regiões brasileiras – que haviam sido destacados para servir nos quartéis do município –, e difundido com a ajuda do rádio, que, na época, teve importante incentivo governamental. Embora elementos da cultura africana estejam presentes desde a origem da cidade, percebi, nesta pesquisa, que o processo de aceitação dessa arte, no município, inicia somente no século XX, a partir de 1930. Este estudo procurou identificar e retratar a trajetória do samba em Santa Maria, bem como descrever minha vivência nessa dança. Para tanto, recorri à pesquisa bibliográfica, documental, participativa e aplicação de um questionário junto a personalidades locais. Observei que, desde sua chegada, o samba foi se transformando, interagindo e moldando-se aos diferentes espaços onde ele se expressa, o que me conduz a pensar em uma identidade movediça. Como resultado desta pesquisa, elaborei uma produção audiovisual, denominada “Percurso”, que procurou dialogar com o texto do trabalho, exibindo lugares associados ao cenário do “samba santa-mariense”.

Palavras-chave: Samba. Cultura. Santa Maria. Identidade. Patrimônio Cultural. Dança.

ABSTRACT

SHIFTING IDENTITY: THE SAMBA'S TRACKS ON THE CULTURE CITY

AUTHOR: Giullia Almeida Ercolani

ADVISOR: Luiz Naim Haddad

Santa Maria, a Brazilian city located in the central region of Rio Grande do Sul, has been officially recognized as a "Culture City", since 1968, by municipal law n.º 1322/1968. Flôres (2007), registers the occurrence of intense cultural activities in the city, mainly, driven by the railroad. In this context, the samba, registered as immaterial cultural heritage of the country, begins its journey in the Heart of Rio Grande, at the beginning of the 1930's, disembarking in the railway station, with military coming from several Brazilian regions - who had been detached to serve in the city's barracks - and spread with the help of the radio, which, at the time, had an important governmental incentive. Although elements of African culture have been present since the city's inception, I realized, in this research that the process of acceptance of this art in the municipality only began in the 20th century, starting in 1930. This study sought to identify and portray the trajectory of samba in Santa Maria, as well as to describe my experience in this dance. To do so, I used bibliographic, documental and participative research and applied a questionnaire with local personalities. I have observed, that since your arrival, samba has been transforming, interacting and molding itself to the different spaces where it expresses itself, which leads me to think of a shifting identity. As a result of this research, I made an audiovisual production, called "Rout", which tried to dialogue with the text of the work, showing places associated to the "samba santa-mariense" scenario.

Keywords: Samba. Culture. Santa Maria. Identity. Cultural Heritage. Dance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização espacial de Santa Maria/RS.....	23
Figura 2 - Fotografia da placa comemorativa do falso centenário de Santa Maria/RS	26
Figura 3 - Eu bailarina	43
Figura 4 - Eu no Jazz e no Street Dance	44
Figura 5 - Eu nas danças tradicionais gaúchas.....	45
Figura 6 - Eu no Grupo Samba da Minha Terra	48
Figura 7 - Eu no Santa Maria em Dança	49
Figura 8 - Eu nos desfiles de rua.....	49
Figura 9 - Audiovisual Percurso	59
Figura 10 - Divulgação do audiovisual Percurso	60
Figura 11 - Estreia do audiovisual no Youtube.....	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Colaboradores da pesquisa	16
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AHMSM	Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria
CTG	Centro de Tradições Gaúchas
DE	Divisão de Exército
DTG	Departamento de Tradições Gaúchas
ENART	Encontro de Artes e Tradição Gaúcha
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MDT	Manual de Dissertações e Teses da UFSM
OMS	Organização Mundial da Saúde
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
POA	Porto Alegre
PT	Partido dos Trabalhadores
RBS	Rede Brasil Sul de Televisão
RS	Rio Grande do Sul
SM	Santa Maria
SUCV	Sociedade União dos Caixeiros Viajantes
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TV	Televisão
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	15
3 IDENTIDADE MOVEDEIÇA	19
4 NOS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE CULTURA	22
4.1 SANTA MARIA DA BOCA DO MONTE: LOCALIZAÇÃO	22
4.2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DE SANTA MARIA/RS	23
4.3 A HISTÓRIA DO SAMBA EM SANTA MARIA/RS	28
4.4 SANTA MARIA/RS - CIDADE CULTURA?	39
5 PERCEPÇÕES DE UM CORPO QUE SAMBA	43
5.1 A MENINA BAILARINA	43
5.2. OS TRILHOS DO SAMBA NA MINHA VIDA	46
6 A REPRESENTAÇÃO QUE TRANSCENDE A HISTÓRIA	54
CONCLUSÃO	61
REFERÊNCIAS	64
APENDICE A – PROJETO “GRUPO SAMBA DA MINHA TERRA	70
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA	76
APÊNDICE C – POEMA “PERCURSO”	78
ANEXO A – RESPOSTAS DO COLABORADOR 1 (C1)	79
ANEXO B – RESPOSTAS DO COLABORADOR 2 (C2)	82
ANEXO C – RESPOSTAS DO COLABORADOR 3 (C3)	85
ANEXO D – RESPOSTAS DO COLABORADOR 4 (C4)	87
ANEXO E – RESPOSTAS DO COLABORADOR 5 (C5)	90
ANEXO F – RESPOSTAS DO COLABORADOR 6 (C6)	93
ANEXO G – RESPOSTAS DO COLABORADOR 7 (C7)	95
ANEXO H – JORNAL A RAZÃO: NÃO VAI TER SAMBA NA AVENIDA	99
ANEXO I – SAMBA NOSSO (PARTE INICIAL) – DIÁRIO DE SANTA MARIA	100

1 INTRODUÇÃO

O samba é uma figura musical, identificada também como dança, da mesma forma que o batuque, o fandango, o maxixe, entre outros (BLOMBERG, 2011).

O presente trabalho visa analisar o samba sob o prisma da dança, considerando suas diferentes formas de expressão ao observar como as sambistas se identificam com o seu gingado, em espaços diversos, tais como: clubes, escolas de samba, desfiles de rua e concursos de carnaval.

Presumo que o “samba carioca”, influenciado pelo samba de roda do recôncavo baiano e considerado Patrimônio Cultural Imaterial¹ do Brasil, inscrito no Livro das Formas de Expressão do IPHAN desde 2007 (IPHAN, 2014), teve influência significativa sobre o “samba santa-mariense”, pois os registros documentais consultados indicam que o ritmo, tocado e dançado, chegou de trem à Santa Maria, com militares² que vieram servir nos quartéis da cidade. Conforme o IPHAN (2014), é possível perceber a importância dessa expressão artística do Rio de Janeiro para a cultura do país como um todo.

Nascimento (2013, p.1), descreve o samba como “sedutor”, afirmando que ele “Arrasta multidões por onde passa, é aplaudido e acarinhado. No passado foi um proscrito. Perseguido pelas leis, preso, confiscado e excomungado, considerado coisa de ralé, ‘coisa de negro’.”.

Esse ícone da cultura brasileira, cujas origens remontam às celebrações que ocorriam nas senzalas (NASCIMENTO, 2013), enfrentou muitos preconceitos, de forma declarada, sendo, inicialmente, perseguido e quase sufocado pelo Estado, até se consolidar como símbolo nacional, mas que ainda sofre discriminação³, ora velada, ora explícita⁴.

Destaco controvérsias quanto à origem do vocábulo “samba”. Algumas pesquisas apontam para a origem africana do termo. G. P. R.⁵ (1950) ressalta um

¹ Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas), conforme o IPHAN (<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>).

² Relativo ao Exército Brasileiro.

³ Pelo menos em Santa Maria/RS.

⁴ Uma reportagem do extinto Jornal A Razão, que será abordada no decorrer do trabalho, ilustra essa afirmação, observando-se a manifestação popular nas redes sociais, quando a prefeitura municipal desiste de investir no carnaval de rua de Santa Maria/RS.

⁵ O autor da reportagem está identificado apenas pelas iniciais G. P. R..

estudo indicando que a palavra pode ter surgido a partir de uma “dança da Guiné portuguesa a que os indígenas chamam samba”. Mestrinel (2010, p.1) salienta que a expressão “[...] inicialmente designava qualquer das manifestações musicais dos negros, geralmente associadas à presença da percussão e da coreografia da umbigada (chamada de semba)”. Nessa perspectiva, Nogueira (2009, p. 8) define *semba* como “Ritmo musical tradicional de Angola, também conhecido como umbigada. Muito parecido com o samba.”.

Nogueira (2009) ainda descreve, de forma sintética, a coreografia da umbigada, manifestação cultural na qual formam-se duas filas, com homens de um lado e mulheres do outro. No decorrer da dança, durante a performance de passos variados, os dançarinos aproximam-se até que os umbigos se encostem, formando, literalmente, a umbigada.

Nesse contexto, esta investigação se justifica, inicialmente, por motivos afetivos, pois desde a primeira infância identifico-me com o samba. Lembro que eu ficava fascinada ao assistir à *Globeleza*, Valéria Valenssa, sambando durante as vinhetas de carnaval da Rede Globo de Televisão. A vinheta⁶, de autoria de Jorge Aragão⁷, e a coreografia da *Globeleza* permanecem vivas na minha memória. Além disso, a carência de trabalhos sobre o samba em Santa Maria também contribuiu para a escolha da temática que busca identificar a origem e a jornada do samba na cidade, respondendo à problemática proposta: como o samba se desenvolve historicamente no contexto sociocultural de Santa Maria?

Assim, esta pesquisa tem como propósito conhecer e descrever a trajetória, origem e desdobramentos do samba na formação da identidade cultural na cidade de Santa Maria, município brasileiro do interior do Estado do Rio Grande do Sul, que apresenta uma enorme diversidade cultural, o que lhe rendeu o título de “Cidade Cultura”. E, a partir do material coletado, compreender a minha participação como sujeito inserido nessa cultura. A pesquisa embasa, também, a produção audiovisual “Percurso”, obra prática complementar a este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

⁶ Lá vou eu, lá vou eu / Hoje a festa é na avenida / No carnaval da globo / Feliz eu tô de bem / Com a vida vem amor / Vem...deixa o meu samba te levar / Vem nessa pra gente brincar / Pra embalar a multidão / Sai pra lá solidão Vem Vem Vem / Vem.....pra ser feliz / Eu tô no ar tô *Globeleza* / Eu tô que tô legal / Na tela da TV no meio desse povo / A gente vai se ver na Globo / Na tela da TV no meio desse povo / A gente vai se ver na Globo. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/jorge-aragao/globeleza.html>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

⁷ Jorge Aragão da Cruz é cantor, sambista e compositor de inúmeros sucessos (<http://jorgearagao.com/>).

A seguir, será apresentada a metodologia de pesquisa, considerando as dificuldades impostas pela pandemia da Covid-19. O terceiro capítulo, aborda a questão de a identidade ser algo que se transforma, modificando-se de acordo com os diferentes contextos socioculturais. O quarto, apresenta uma contextualização histórica de Santa Maria/RS e do samba nessa cidade, além de uma discussão acerca da expressão “Cidade Cultura”. No quinto capítulo, apresento as minhas memórias e percepções em relação à trajetória pessoal e acadêmica que trilhei até aqui. O último capítulo, consiste em uma descrição do processo criativo, elaborado para chegar à produção audiovisual “Percurso”. Por fim, a conclusão, seguida das referências bibliográficas, apêndices e anexos.

2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Nesta seção, conforme Aquino (2010) será detalhado: o material utilizado para a escritura deste TCC, como esse conteúdo foi coletado e o método de condução deste estudo. Este trabalho está formatado segundo as diretrizes da MDT - UFSM (2015).

Esta pesquisa, baseada na trajetória do samba dançado em Santa Maria/RS, e na minha vivência no contexto do "samba santa-mariense" foi desenvolvida sob duas perspectivas: escrita e audiovisual.

Para a elaboração da parte escrita, priorizei a busca por literatura disponível na *internet* (artigos científicos e textos do IPHAN, por exemplo), considerando a impossibilidade de acessar bibliotecas durante a pandemia da Covid-19. Na medida do possível, também foram adquiridos livros relacionados à temática desta pesquisa. O acesso ao jornal, como documento, também ficou prejudicado pela conjuntura imposta pelo novo Coronavírus. Contudo, tive acesso a arquivos digitais disponibilizados pelo Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria (AHMSM), com edições do extinto Jornal A Razão⁸, de 2004 a 2017 (até fevereiro). Também, pude consultar algumas edições impressas do Jornal Diário de Santa Maria⁹, cedidas por meus familiares.

Durante a pesquisa, da mesma forma, não foi possível realizar entrevistas. Apliquei, no entanto, um questionário com personalidades do samba de Santa Maria, tais como: organizadores de concursos de samba, assistas e membros de escolas de samba. As perguntas foram encaminhadas, conforme a preferência dos colaboradores, por *e-mail* ou pelo aplicativo *WhatsApp*. A maioria das respostas chegou de forma escrita (digitação). Porém, uma estava manuscrita e outras foram devolvidas em áudio, sendo, então, transcritas.

O questionário foi enviado para 10 pessoas, previamente convidadas a participar da pesquisa. Desse montante, recebi 7 questionários para análise. Os nomes dos respondentes foram substituídos pela letra **C** (correspondendo a

⁸ Fundado em 9 de outubro de 1934, conforme Ribeiro (1993, p. 124). A última impressão do Jornal foi a edição, referente ao ano 83, n. 114, dos dias 25 e 26 (sábado e domingo) de fevereiro de 2017, segundo A Razão (2017). Observa-se que o periódico circulou em Santa Maria e região por 8 décadas, registrando “parte significativa da história de Santa Maria e da região Central do RS. Participou ativamente do desenvolvimento da cidade [...]” (JORNAL A RAZÃO, 2017, capa).

⁹ Fundado em 2002, pelo Grupo RBS, e vendido, em 2016, para um grupo de empresários de Santa Maria, conforme GZH (2016).

colaborador/a), seguida de algarismos arábicos, em ordem crescente, iniciando no número 1. Essa numeração foi atribuída com base na ordem de devolução dos questionários. Por exemplo, **C1** equivale ao/à primeiro/a colaborador/a que encaminhou as respostas, e assim sucessivamente, conforme apresentado na Tabela 1 abaixo:

Tabela 1 - Colaboradores da pesquisa

Participante	Idade (anos)	Gênero	Profissão	Categoria
C1	57	Masculino	Professor universitário	Organizador de concursos de carnaval
C2	31	Masculino	Relações Públicas	Membro de escola de samba
C3	68	Feminino	Aposentada	Membro de escola de samba, jurada de concursos de carnaval
C4	57	Feminino	Servidora pública	Membro de escola de samba, jurada de concursos de samba
C5	57	Masculino	Militar aposentado	Bailarino, coreógrafo, carnavalesco e organizador de eventos
C6	41	Masculino	Educador Físico	Presidente de escola de samba, Presidente da Associação das Escolas de Samba de Santa Maria e Mestre de Bateria
C7	35	Feminino	Educadora Física e professora de dança	Passista

Fonte: elaborado pela autora, com base nos questionários respondidos.

A escolha do procedimento de aplicação do questionário foi baseada nas orientações de distanciamento social¹⁰, tão importantes neste momento, para evitar a

¹⁰ Medida não farmacológica preconizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), conforme o Ministério da Saúde do Brasil, disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/medidas-nao-farmacologicas>>. Acesso em: 24 jan. 2021.

disseminação do novo Coronavírus. Foi uma preocupação ético-sanitária, aprovada pelo professor orientador, com o intuito de não colocar vidas em risco.

Embora tenha recebido autorização para indicar os nomes dos colaboradores, por questões éticas optei por não os utilizar neste trabalho. Também não pude entrar em contato com as pessoas que foram sugeridas, porque a maioria das respostas retornou no final do prazo previsto, no cronograma da pesquisa, para análise dos questionários.

Como subsídio à produção deste TCC, além dos recursos bibliográficos e documentais, também contei com minha memória, baseando-me na afirmação de que toda a lembrança individual, no seu fundamento, corresponde a uma condição de consciência pessoal, conforme Halbwachs (1990). Realizei, portanto, significativo esforço para rememorar minha vivência nos espaços ocupados pelo samba em Santa Maria/RS, desde a primeira infância até a atualidade.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, fundamentando-se em Gil (2010), foram combinadas três classificações de pesquisa, a saber: pesquisa bibliográfica, documental e a participante. Esta última, como registrado anteriormente, considera a minha vivência no universo do samba.

Com o material levantado e organizado, procurei delinear os aspectos que demonstram o espaço que o samba ocupa na sociedade santa-mariense, em contraste com as danças tradicionais do RS. Também foram observadas as características peculiares do samba nos diferentes lugares do município, tais como: escolas de samba, clubes sociais, desfiles e concursos de carnaval.

E, nesses espaços, a partir de recursos de memória (individual e dos colaboradores), busquei evidenciar os elementos que constituem a composição coreográfica do samba, observando a mistura de ingredientes oriundos de outras danças e verificando as peculiaridades que se apresentam de região para região.

Por fim, descrevi, a partir de recordações pessoais e de meus familiares, a minha trajetória dentro deste espaço cultural, não só como passista e rainha do carnaval, mas também como bailarina, professora¹¹, coreógrafa e pesquisadora. Saliento que os nossos acervos constituídos de objetos pessoais, fotografias e vídeos foram fundamentais para a rememoração dos fatos analisados neste estudo. Constatei que essas ferramentas se constituíram em importantes recursos de

¹¹ Embora ainda não tenha cursado Dança – Licenciatura, utilizo o termo professora para me referir a minha atividade em duas academias de Santa Maria/RS, onde ministro aulas de dança.

memória, permitindo-me transportar eventos que vivenciei no passado para o presente.

Já a produção audiovisual, detalhada em capítulo próprio, dialogou com as inferências da pesquisa, procurando retratar momentos, movimentos e lugares de Santa Maria/RS em que o samba se expressa.

3 IDENTIDADE MOVEDIÇA

Estudar um elemento cultural requer o entendimento da identidade cultural, visto que ela está diretamente relacionada à forma como os sujeitos se reconhecem individualmente, bem como os grupos se reconhecem perante a sociedade a que pertencem. Para Hall (2011), a identidade cultural está atrelada a culturas étnico-raciais, linguísticas e principalmente nacionais.

Nascido no Brasil, como representação étnica de um povo oprimido, o samba é fortemente marcado por sua raiz africana misturada a elementos europeus, sendo visto como um ritmo original, que representa a identidade local e nacional do povo brasileiro, ocupando um espaço significativo como patrimônio cultural e imaterial presente em todas as regiões do país, sofrendo variações dependendo do lugar que se apresenta, de acordo com as concepções e hábitos que surgem da interação do conjunto de costumes e tradições do meio no qual se desenvolve (IPHAN, 2006).

Ao refletir sobre a construção da identidade na pós-modernidade, Hall (2011) afirma que o processo de identificação no qual nos projetamos para a construção da identidade cultural é problemático, variável e provisório:

O próprio processo de identificação, através do qual projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1987 apud HALL 2011, p.13).

A partir do estudo de Hall (2011), concluo que, tanto a identidade individual como a coletiva, são inacabadas, estando sempre em constante transformação, modificam-se, podendo ser entendidas como algo "movediço", no sentido de não ser estático, de mover-se, sofrendo variações.

O samba faz parte da identidade cultural brasileira, que vem se construindo e se perpetuando, desde a formação do país. Como elemento da cultura, ao longo dos tempos, ele se transformou, modificou-se, acompanhando a evolução do contexto sociocultural e as relações interpessoais. Portanto, tratando-se de identidade, é nítida que sua mobilidade é intrínseca a sua condição conceitual, pois, por si só, é um conceito "movediço". Segundo Bock (2002, p. 207): “[...] a identidade é o processo de construção permanente, em contínua transformação [...]”.

Ao analisar as peculiaridades dessa dança, em Santa Maria, cidade do Sul do Brasil, onde há uma predominância de aspectos culturais ligados à tradição do Estado, verifica-se um claro processo de variação, ocasionado pela assimilação cultural do povo gaúcho em relação às diversidades apresentadas no Rio de Janeiro e na Bahia, cidades pertencentes às regiões Sudeste e Nordeste, consideradas o berço do Samba.

As respostas do questionário aplicado nesta pesquisa¹² evidenciam o caráter flexível do samba, que permite variações na sua execução de acordo com o lugar em que é praticado. Todos compararam o samba dançado no Rio de Janeiro com outras regiões do Brasil, salientando que, no berço do samba, o povo vive com mais intensidade essa cultura. Lá, conforme relatado por **C5**, existe a “profissão passista”. Essa vivência diária, praticada desde a infância, leva a uma naturalidade, uma maior desenvoltura ao dançar.

Comparando as/os passistas cariocas com as das demais regiões do Brasil, **C5** afirma que "com suas constantes rotinas de samba, a questão corporal é bem diferente, já que flui com mais naturalidade num corpo que respira samba, do que outro que pratica somente em época de carnaval.”.

Observa-se que todos os colaboradores concordam com a inserção de passos de outras danças para embelezar e inovar o samba, porém são unânimes ao salientar que não pode haver exageros para que sua essência não seja prejudicada.

Assim, posso afirmar que o samba é "movediço", visto que se transforma de acordo com a identidade cultural específica de cada local e da identidade individual do/a dançarino/a. Nesse sentido, **C4** enfatizou: "posso dizer que até a forma como as pessoas dançam tem identidade, tem cultura, referente ao ambiente em que vivem.”.

Sobre esse aspecto, Ligiéro (2011, p. 171) diz que:

A elasticidade e a dinâmica das diversas categorias do Samba permitem à sua performance a rápida absorção de novos elementos sem, contudo, perder a sua relação ancestral rítmica e a sua filosofia afro-brasileira, criando, dessa forma, uma variedade de performances cada vez mais multiculturais e contemporâneas.

O samba tem essência-própria, inconfundível, mas seu caráter livre permite inovações, desde que isso não afete suas raízes. No capítulo 5, ao falar da minha vivência como passista, rainha do carnaval, coreógrafa, intérprete-pesquisadora,

¹² Ver Tabela 1 (p. 16).

professora e acadêmica do Curso de Dança Bacharelado, reflito sobre a minha identidade perpassada pela identidade coletiva nos espaços percorridos pelo samba em Santa Maria/RS.

4 NOS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE CULTURA

Neste capítulo, serão apresentados alguns aspectos geográficos e históricos de Santa Maria/RS, além de discutir elementos que situam o samba no contexto sociocultural da cidade.

4.1 SANTA MARIA DA BOCA DO MONTE: LOCALIZAÇÃO

Santa Maria, cidade brasileira do interior do Rio Grande do Sul, localizada na faixa central do Estado (Figura 1), região geográfica que lhe confere a denominação de “Coração do Rio Grande”¹³, afastada de Porto Alegre¹⁴ à uma distância aproximada de 293 quilômetros, também é (ou foi) conhecida, em diferentes épocas, conforme Flôres (2017, p. 170) como a “cidade das ‘casas brancas’, a terra do ‘vento norte’ e das ‘marias fumaças’, além de ‘cidade ferroviária, ‘cidade cultura’ e ‘cidade universitária’.”.

Considerando outras particularidades da Cidade Cultura¹⁵, o município também é reconhecido como a “Cidade da Medianeira, dos militares, dos estudantes [...], terra [...] da hospitalidade, da oportunidade e da diversidade”¹⁶. Mas, não se pode esquecer do complemento “Boca do Monte” que, muitas vezes, ainda acompanha o nome do município, embora não seja reconhecido oficialmente.

Jacques (1997, p.102-104), sugere que o nome “Santa Maria da Boca do Monte” tenha sido atribuído pelos jesuítas, salientando que o vocábulo “Monte” é de origem espanhola e porque esses jesuítas “davam os nomes de santos aos seus postos avançados, tais como - Santa Tecla, São Pedro etc., [...]”. Assim, pode-se concluir que o nome Santa Maria, provavelmente, seja uma herança jesuítica.

¹³ A Lei Nº 3665, de 02 de julho de 1993, na seção referente ao Plano de Expansão e Desenvolvimento de Santa Maria, no item 2.4.2 - TURISMO, subitem 2.4.2.1 - Diagnóstico, faz referência a esta questão ao considerar as características geográficas, históricas e culturais do município, tais como: Centro Geográfico - ‘O Coração do Rio Grande’, Centro Universitário (UFMS), Centro Comercial, Centro Religioso (Romaria da Nossa Senhora da Medianeira), Centro Militar, Centro de Eventos, Centro de Lazer, entre outros.

¹⁴ Capital do Rio Grande do Sul.

¹⁵ A Lei Nº 1322, de 15 de julho de 1968, reconhece o prestígio do município no contexto cultural, instituindo-lhe a sigla de Cidade Cultura.

¹⁶ Segundo Aranguiz (2015).

Figura 1 - Localização espacial de Santa Maria/RS



Fonte:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Maria_\(Rio_Grande_do_Sul\)#/media/Ficheiro:Rio_GrandedoSul_Municip_SantaMaria.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Maria_(Rio_Grande_do_Sul)#/media/Ficheiro:Rio_GrandedoSul_Municip_SantaMaria.svg). Acesso em: 25 jan. 2021.

4.2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DE SANTA MARIA/RS

Para falar sobre a construção da identidade de um povo é essencial conhecer sua história, sendo assim, escrevo um breve relato sobre a origem e formação do município de Santa Maria.

Os primeiros habitantes do atual município de Santa Maria/RS foram os índios guaranis (missioneiros), minuanos e tapes, conforme Beltrão (1979). Seu território estava localizado na linha divisória entre as colônias portuguesas e espanholas, o que rendeu inúmeras disputas territoriais. Jacques (1997) também registra a presença de habitantes espanhóis, antes do século XVIII, na região que hoje recebe o nome de Santa Maria.

Monteiro (2015, p. 63-64) comenta que:

Santa Maria nasceu em meio aos embates das fronteiras ibéricas na região do Rio da Prata. Seu território estava ora inserido no espaço colonial espanhol, ora no português. Assim, essa localidade foi palco de um espetacular movimento de “vai e vem” peculiar em fronteiras em (des)construção. Contudo, antes de a região de Santa Maria ser, efetivamente, colonizada por luso-brasileiros, ela foi conquistada por súditos da Coroa de Espanha. Os padres jesuítas foram os primeiros a iniciar o processo de conquista da terra e das populações que aqui habitavam - a

população guarani -, sendo artífices de um amplo processo de expansão rumo à região do Prata, sob os auspícios da Coroa de Espanha e da Companhia de Jesus (Quevedo, 2010).

Consta que, por volta de 1787, chegou aqui uma Comissão Demarcadora de Terras entre Portugal e Espanha, que na montagem de um acampamento militar, dá início ao povoado que, mais tarde, seria transformado em município.

Segundo Beltrão (1979, p. 19):

Abril, 15, domingo - O capitão de engenheiros e astrônomo Dr. José de Saldanha, comandando a 1ª subdivisão da Comissão Demarcadora de Limites da América Meridional, atinge o Rincão de Santa Maria, em terras da estância do Pe. Ambrósio José de Freitas, indo acampar na margem ocidental do passo do arroio de Santa Maria, hoje passo da Areia, sobre o arroio Cadena.

Conforme esse autor (1979, p. 29-30):

Fins de julho de 1797 à primeira metade de 1798 - chega ao Rincão de Santa Maria, vinda do Polo de São João Batista, sob o comando do Capitão Joaquim Félix da Fonseca, a partida Portuguesa da 2ª Subdivisão da Comissão Demarcadora de Limites, e acampa em terreno do Pe. Ambrósio José de Freitas, dando início ao povoamento do local em que se ergueria a cidade de Santa Maria da Boca do Monte.

Belém (1989), igualmente, afirma que o município foi concebido a partir de um acampamento de militares e civis, em 1787, que formavam uma comissão mista (portugueses e espanhóis). Ressalto que o Artigo 6º da Lei Municipal Nº. 64, de 29 de setembro de 1949, proibiu que se altere o nome da Rua do Acampamento, devido ao “significado histórico municipal que expressa.”, sendo o local onde iniciou-se a povoação de Santa Maria.

O Exército Brasileiro também teve significativa importância na formação da cidade. Como aponta o *site* da 3ª Divisão de Exército (DE)¹⁷:

O Exército Brasileiro é testemunha e protagonista da história do município “Coração do Rio Grande”, pois sua origem se confunde com a épica conquista e ocupação da fronteira meridional do Brasil. O longínquo ano de 1797 marca a chegada do primeiro contingente militar da Comissão Demarcadora de Limites, para definir a fronteira entre as terras de Espanha e Portugal, fixando acampamento onde é hoje a Praça Saldanha Marinho. Esta efeméride está imortalizada pela comunidade santa-mariense com a denominação da rua principal de Rua do Acampamento, como reconhecimento àquela presença militar que foi gênese da Capital dos Blindados.

¹⁷ Santa Maria e o Exército. Comando Militar do Sul. 3ª Divisão de Exército. Divisão Encouraçada. Disponível em: <<http://www.3de.eb.mil.br/index.php/todas-as-noticias/1533-santa-maria-e-o-exercito>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

[...]

A 3ª DE e Santa Maria nasceram e cresceram juntas e tiveram o mesmo berço, hoje chamado Praça Saldanha Marinho. Esta ligação é inquebrantável! Outros séculos testemunharão o desenvolvimento de ambas.

Conforme Beltrão (1979, p. 171) a "Freguesia de Santa Maria da Boca do Monte e 4º distrito de Cachoeira é elevada a município [...]" no dia 16 de dezembro de 1857, cujo ato de instalação do município se deu no dia 17 de maio de 1858, em sessão realizada na "Camara Municipal d'esta nova Villa de Santa Maria da Boca do Monte [...]". O autor (1979, p. 47) comenta que "No Império, devido à estreita ligação entre a Igreja e o Estado, as etapas de evolução de uma povoação eram: oratório público, capela, capela curada, freguesia, vila (município) cidade e capital.". A transição entre essas categorias estava atrelada ao grau de desenvolvimento econômico, ao número de habitantes e influência política da localidade.

Destaco a comemoração do "falso centenário"¹⁸ de Santa Maria em 1914: Beltrão (1979, p.68) atribui esse evento ao fato de o Pe. Antonio José Lopes ter assumido a Capela Curada do Acampamento de Santa Maria da Boca do Monte, como primeiro cura¹⁹, no dia 21 de janeiro de 1814. O autor (1979) comenta sobre a existência de uma placa comemorativa afixada na fachada da Catedral Metropolitana Imaculada Conceição - Santa Maria/RS²⁰ (Imagem 2), homenagem na qual constam os seguintes dizeres: *1814 - 1914 / Aos gloriosos fundadores de Santa Maria / no seu primeiro centenário / a cidade agradecida.*

¹⁸ Morales (2008) comenta que, com o estabelecimento da Câmara de Vereadores, em 17 de maio de 1858, Santa Maria/RS foi emancipada politicamente. A autora (2008) também registra que, em 1914, celebrou-se o "falso centenário", devido à promoção da localidade, em 1814, à "condição de capela curada subordinada à Cachoeira do Sul" (MORALES, 2008, p. 9).

¹⁹ Conforme Falcão (2004), "Na linguagem eclesiástica, cura é o mesmo que *pároco, *abade ou prior, i.e., sacerdote com cura de almas, i.e., com a obrigação de assegurar a uma comunidade de fiéis os serviços da palavra, da liturgia e da caridade."

²⁰ Localizada na Avenida Rio Branco, 823 - Centro, Santa Maria - RS, CEP 97.010 - 420.

Figura 2 - Fotografia da placa comemorativa do falso centenário de Santa Maria/RS



Fonte: Giullia Almeida Ercolani (6 dez. 2020).

Por ser uma cidade localizada na região central, sempre foi considerada de muita importância para o Estado e, foi crescendo e se desenvolvendo de forma significativa. Foram chegando pessoas de diferentes regiões do Brasil e também de outros países. Quanto à economia, pode-se afirmar que é inegável a grande importância do comércio, tanto para formação, como para o desenvolvimento da cidade, mas foi a necessidade de mão-de-obra agrária que impulsionou a vinda de escravos negros, povo de suma importância para a temática abordada nesse estudo (MONTEIRO, 2015). “A organização de uma economia agrária nessa região, sob o domínio luso-brasileiro, trouxe para a região um afluxo importante de população escravizada [...]” (FARINATI, 2010 apud MONTEIRO, 2015, p. 66).

Em 1884, foi concluída a obra de assentamento dos trilhos e inaugurada a linha férrea entre SM e POA, a partir daí a evolução histórica da cidade passou a ser fortemente marcada pela presença da Estação Férrea, tornando-se o maior entroncamento ferroviário do centro do Estado, influenciando diretamente no desenvolvimento econômico e cultural do município.

Flôres (2007, p. 160-161) registra que:

Em 1884 foram concluídos os trabalhos de assentamento de trilhos no local onde posteriormente foi construída a Estação Férrea de Santa Maria. A partir de então, o trem passou a ser meio de progresso para municipalidade e para

toda a região central do Rio Grande do Sul. Era o novo símbolo de “modernidade” que iria acelerar o crescimento local e regional.

Foi pelos trens que a população santa-mariense começou a se expandir. Pessoas de diferentes etnias, de várias localidades do Brasil e também de outros países fixaram residência na cidade, ajudando a construir o cenário urbano e criando condições favoráveis para impulsionar a indústria, o comércio, a educação e a cultura.

Como atesta Flôres (2007, p.140):

Com o aumento progressivo da sua população, que passou a contar com pessoas vindas de todas as partes do sul do Brasil, e algumas até de outros países, o comércio e a indústria se dinamizaram. Realidade que contribuiu para torná-la um centro de desenvolvimento humano, pois a urbanização e as condições criadas no setor de educação e cultura foram atrativos para sua transformação numa cidade verdadeiramente cosmopolita.

Cosmopolitismo esse que tem raízes históricas bem evidentes, por ter sido Santa Maria sempre um local de “passagem”. De um reduto inicialmente militar, com o tempo formou uma comuna que reuniu diferentes etnias, chegando a ser considerada em determinada época uma “colônia germânica”. Quando a ferrovia se estabeleceu na cidade, maior incremento foi dado a esse cosmopolitismo, pois como ponto de interseção de linhas que ligavam a vários outros municípios, os contatos humanos, culturais e econômicos foram sempre crescentes.

Muitos ficaram na cidade como foi o caso da população de ferroviários e caixeiros-viajantes, juntamente com diversos grupos de imigrantes que acreditaram no potencial das oportunidades de emprego e de negócios. Outros, contudo, apenas periodicamente se dirigiam a Santa Maria, buscando na sua estrutura de serviços o atendimento para necessidades mais prementes.

Atualmente, Santa Maria exerce grande influência para a região central do Rio Grande do Sul. É possível observar, a partir da história desse município, que sua identidade cultural provém dos vários povos que foram chegando e fazendo morada por aqui, ajudando a construir esse município que apresenta uma significativa diversidade cultural, que lhe rendeu o título de “Cidade Cultura”.

Conforme Monteiro (2015, p. 68-69):

Atualmente, Santa Maria é considerada uma cidade média e de grande influência para a região central do Estado, sendo a quinta maior do Rio Grande do Sul, com aproximadamente 260.000 habitantes (IBGE, 2010). Destacamos, nesse cenário o papel fundamental da Universidade Federal de Santa Maria na dinamização econômica do município e na diversificação étnica da população, sendo que centenas de jovens estudantes, de diversas partes do estado e do país, vêm todos os anos para a cidade em busca de estudos, fato que rende à Santa Maria os títulos de “cidade universitária” e de “cidade cultura”.

Com base no exposto, a região, inicialmente habitada por índios, começou a se transformar em cidade com a vinda da mencionada comissão mista. Concluo que

Santa Maria é considerada um polo, pois além de apresentar uma grande concentração militar, é reconhecida nacionalmente pela criação da primeira universidade pública do interior do Brasil, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A cidade herdou a cultura das diversas etnias que marcaram seu povoamento, tais como alemã, italiana e africana. Hoje, principalmente, devido à grande quantidade de quartéis e instituições de ensino, apresenta uma diversidade relevante de tipos humanos que trazem consigo caracteres da cultura das demais regiões do país, o que lhe confere uma identidade cultural ímpar, marcada por registros de importantes produções e acontecimentos culturais.

Entre esses tipos humanos, reporto-me ao povo negro, que escravizado e, mais tarde, liberto, ajudou a construir a história de Santa Maria/RS. Seus traços culturais (música, dança, vestuário e religião) estão presentes em muitos espaços santamarienses. E neste trabalho, destaco a dança, representada pelo samba, que aqui chegou pela estrada de ferro, na década de 1930.

O rádio, que recebeu importante incentivo governamental nos anos de 1930, conforme Gouvêa (2020), também foi importante para a disseminação do samba como música, permitindo que a comunidade, aos poucos, criasse identificação com esse gênero de música e dança. Sobre isso, **C3** comenta que: “O que sei sobre a história do samba em Santa Maria, foi através de um programa de rádio, que era transmitido pela Rádio Imembuí, Gente do Samba e do Choro.”.

No próximo tópico, serão discutidos elementos que situam o samba no contexto histórico-cultural de Santa Maria/RS.

4.3 A HISTÓRIA DO SAMBA EM SANTA MARIA/RS

O samba nasceu no Brasil e se tornou uma das manifestações artísticas mais “tradicionais” da nossa cultura. Começou a se desenvolver na Bahia e, posteriormente, estendeu-se ao Rio de Janeiro, tornando-se nacionalmente reconhecido e praticado em todas as regiões do país, construindo-se de uma miscigenação inspirada na fusão das culturas africana, europeia e indígena²¹.

²¹ Ver: Significado da Cultura afro-brasileira. Disponível em: <

Considerada uma das principais manifestações populares brasileiras, representa um símbolo de resistência da cultura negra, mas, embora seja um elemento cultural de matriz africana, por ter surgido a partir das danças dos negros nas senzalas ao som de instrumentos de percussão, também apresenta elementos culturais europeus e indígenas.

No princípio, o samba não podia ser praticado abertamente, pois, por ser oriundo da cultura africana, era muito criminalizado. Ao longo dos tempos, foi sendo aceito socialmente e passou a ocupar um lugar de destaque na cultura brasileira.

Conforme Ligiéro (2011, p. 143):

Durante o período colonial, as celebrações dos negros, tanto religiosas como seculares, eram também realizadas em lugares secretos, como no interior das florestas ou junto dos rios e praias desertas. A partir de meados do século XIX, quando passou a ser permitido pelas autoridades, o batuque tornou-se popular nos grandes centros urbanos. As diversas representações que veiculavam em termos de religião e de arte de cada grupo étnico tornaram-se, então, mais visíveis. É possível perceber, a partir daí, um movimento crescente de busca de identidade dos descendentes de africanos através das fundações de terreiros e da elaboração de sínteses religiosas que objetivavam a reconstrução das antigas culturas africanas pela restauração de rituais tradicionais, conforme existiam na lembrança dos que vieram para o novo continente.

Inicialmente, o samba praticado pelos negros escravizados era associado a elementos religiosos, cujos rituais ocorriam com música e dança, depois, foram se misturando aos outros ritmos e juntos formaram uma das mais populares danças brasileiras.

O samba foi criado no Brasil e sua origem são os batuques trazidos pelos negros escravizados, misturados aos ritmos europeus, como a polca, a valsa, a mazurca, o minueto, entre outros.

Inicialmente, as festas de danças dos negros escravos na Bahia eram chamadas de "samba". Os estudiosos apontam o Recôncavo Baiano como o berço do samba, especialmente o costume de dançar, cantar e tocar instrumentos em roda.

Após a abolição da escravidão, em 1888, e da instituição da República, em 1889, muitos negros se dirigiram à então capital da República, o Rio de Janeiro, em busca de trabalho (DIANA, 2020).

O samba tem sua raiz na região da Bahia, nos batuques praticados nas senzalas, em rituais religiosos, pelos negros escravizados, que depois se misturou a ritmos europeus. À medida em que o Brasil foi se expandindo, essa cultura migrou para as outras regiões brasileiras.

Segundo Nigri (2015, p. 279):

Os candomblés se configuram como um espaço de acesso a ancestralidade africana divinizada na diáspora. De modo paralelo, os grupos negros deslocados à colônia portuguesa exercem um processo de reconhecimento de uma ancestralidade própria da terra em que sofrem o processo de escravização, uma ancestralidade brasileira que se revela na figura do caboclo - uma figura mítica de destaque em torno da qual se constitui, com singularidade, a produção de uma forma de samba.

Um dos grandes símbolos associados ao samba é a figura mítica do malandro, que surge no Rio de Janeiro, no século XX, na década de 1920. Esta personagem está relacionada à expressão de desobediência dos ex-escravos que buscavam reconstruir sua identidade, longe da opressão que viviam nas senzalas. O malandro faz parte do imaginário coletivo do povo carioca, que, depois, estendeu-se a outras regiões do país. Ele é frequentemente representado em trabalhos artísticos (MACHADO, 2016).

Gomes (2004, p. 195), relata que: "Com isto, é possível perceber que além da existência de questões técnicas e artísticas, o momento histórico foi parte decisiva na incorporação do samba e da malandragem como símbolos nacionais."

Baseado na obra *Malandro Divino*, de Zeca Ligiéro (2004), Fernandes (2005), registra que a entidade religiosa Zé Pilintra, presente no catimbó e na umbanda, tem sua imagem associada como um verdadeiro representante da malandragem. Seu Zé teria sido um homem nordestino, que migrou para o Rio de Janeiro, tornando-se um típico malandro da vida boêmia carioca. Era jogador inveterado, amigo de prostitutas, talentoso capoeirista, além de grande sambista. Após a morte, não foi esquecido, passando a ser incorporado à umbanda e ao catimbó como uma das entidades religiosas mais reconhecidas e respeitadas.

A história do samba, em Santa Maria/RS, vem se desenvolvendo em diferentes espaços sociais e culturais, principalmente, em escolas de samba, clubes sociais, desfiles e concursos de carnaval.

Em uma matéria publicada no *Jornal Diário de Santa Maria*, Matge (2016) afirma que as primeiras manifestações de samba em Santa Maria/RS ocorreram com a música no século XX. Na década de 1930, os artistas, hoje, conhecidos nacionalmente, como Lupicínio Rodrigues, destacaram-se na cidade. A autora (2016) relata que "poucos lugares do Brasil têm o privilégio de ostentar o título de berço de um clássico como *Nervos de Aço*, produzido aqui."

Aponto, então, 1930 como data considerada marco inicial da chegada do Samba em Santa Maria. No entanto, desde a formação do município, constatei a presença de negros entre a população, o que nos inclina a pensar em um dispositivo para o nascimento do samba na cidade, a partir de sua condição como escravos e também após a abolição da escravatura.

Sobre isso, Grigio (2018, p. 87) ressalta que:

Santa Maria nasceu sob o signo da escravidão. Antes mesmo do estabelecimento do povoado que deu origem à cidade, escravos trabalhavam por seu território. Os comandantes militares, que "acamparam" na região, eram senhores de escravos e, talvez, alguns de seus cativos trabalharam na construção dos primeiros ranchos. Os estancieiros, os lavradores nacionais, os imigrantes alemães e seus descendentes e os comerciantes que foram se instalando na região e deram origem ao povoado, tinham na mão de obra escrava sua fonte de trabalho e de riqueza. Embora o surgimento da cidade não esteja diretamente relacionado ao regime escravista, sua história está intrinsecamente ligada à utilização de indivíduos escravizados.

Após anos de escravidão, aos poucos, alguns negros santa-marienses, que pertenciam a pessoas favoráveis à abolição, foram sendo libertos por seus donos e, posteriormente, os que ainda permaneciam cativos, tornaram-se livres por força de Lei Áurea, em 1888.

Beltrão (1979, p. 41) registra que a primeira libertação de escravo em Santa Maria ocorreu em 1801:

Primeira libertação oficial de escravo em S. Maria. No registro de batismo de Rosa, filha dos escravos Cipriano, da Bahia, e de Angélica, de Angola, África, de propriedade de Manuel da Silva Ávila, consta que este e sua mulher, Maria da Silva, "declararam para todo o sempre libertada a sua afilhada como se livre nascesse, e, para todo o tempo constar esta verdade, escrita ficava no termo de assentamento do batismo", um dos últimos efetuados pelo capelão da Partida, Pe. Euzébio, na Capela do Acampamento de S. Maria (Arquivo do Bispado de S. Maria, batismos de Cachoeira, liv. I).

A população negra de Santa Maria/RS, sempre buscou espaços que lhes permitisse exercer sua identidade e colocar em prática a cultura de seus antepassados. Para tanto, criaram organizações denominadas irmandades, nas quais podiam se encontrar, celebrar festas, praticar sua religião, cantar e tocar seus instrumentos. Porém, mesmo após a abolição, continuaram sendo perseguidos e rechaçados pela sociedade branca e conservadora.

Grigio (2018, p. 19) atesta que:

O cotidiano da população negra de Santa Maria estava totalmente inter-relacionado com a escravidão. Mesmo os negros livres ou libertos

carregavam consigo a marca do sistema escravista. A criação de vínculos de solidariedade, como os que foram estabelecidos pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, criada em 1873, era uma das estratégias para enfrentamento dessa realidade. Abolição da escravidão não alterou o quadro de preconceito e de hierarquização sociorracial vigente.

Borges (BORGES Apud GRÍGIO, 2018) revela que nos eventos promovidos pelas irmandades, as manifestações sagradas e profanas se misturavam. Eram muitas as festas promovidas pelas irmandades, entre elas estavam quermesses, procissões, desfiles, danças, novenas, foguetórios, teatros, escolhas de reis e rainhas, todas ao som de pandeiros, cuícas e tambores que, segundo Santos (SANTOS, 2007, p. 63, apud GRIGIO, 2018, p. 99) “invocavam espíritos dos ancestrais e têm o poder de expulsar as entidades e vibrações negativas.”.

A cultura africana era muito evidente nessas festas, principalmente quando realizavam a eleição e coroação de reis negros, momento em que usavam instrumentos de origem africana e dançavam com uma postura marcada pela velocidade dos passos e pela independência entre membros superiores e inferiores (GRIGIO, 2018).

Por se tratar de comemorações com muita dança, barulho e improviso, Reis (REIS, 1991, p. 62, apud GRIGIO, 2018, p. 31) chamou-as de “carnavalização da religião”.

Apesar de o Rio Grande do Sul ser fortemente marcado por uma cultura voltada às tradições regionais, sua ligação com o samba também é muito forte, como é possível observar em todas as regiões do Estado. Santa Maria/RS, cidade localizada no centro do estado, apresenta uma população bem variada, devido à quantidade de quartéis e instituições de ensino, o que lhe confere uma cultura bastante diversa, desta forma, a comunidade santamariense apresenta espaços específicos onde o samba é cultuado.

Como atesta Matge (2016, p.3):

No coração do Rio Grande do Sul, estado marcado pela forte cultura regionalista, também pulsa o mais brasileiro dos ritmos. Embora não tenha seu berço nesses pagos - e registros documentais e fotográficos fossem raros a época -, o samba tem sua história arraigada em Santa Maria e segue pungente até os dias de hoje. Suas vertentes e seus representantes são referência aos amantes do ritmo, [...]

Mas, mesmo Santa Maria sendo um lugar onde o samba tem o seu espaço, ainda encontramos muitos obstáculos, um deles, presumo, ser o fato de se tratar de

um município no qual há predominância de uma população branca, de descendência europeia, principalmente alemã e italiana. Nesse caso, posso pensar em uma região que apresenta, supostamente, traços conservadores, que esbarra no preconceito racial. Como o samba nasceu de manifestações africanas, sua aceitação não ocorre de maneira definitiva. Além disso, a cidade é muito voltada à tradição gaúcha, que nega, mesmo que por vezes, de forma velada, a importância dos negros para a formação e para a cultura do Brasil.

Conforme o IBGE, Santa Maria/RS, considerando o censo demográfico de 2010, contava com uma população de 261.031 pessoas. Nesse sentido, Dutra (2012, p. 175) salienta que “Na composição racial, o município apresenta 16 % de sua população de origem afrodescendente, sendo que 13.521 se autodeclaram pretas e 28.046 pardas.”.

Flôres (2007) constatou que as contribuições germânica e italiana foram fundamentais para o desenvolvimento de Santa Maria, desde o século XIX, inclusive, inicialmente, o comércio da cidade era apontado como “milagre germânico”, devido às lojas de fazendas, armazéns de secos e molhados, tamancarias, ferrarias, entre outros estabelecimentos fundados pelos alemães. Os italianos também tiveram importante papel comercial com a construção de indústrias, tais como: fábricas de sapatos, padarias, cervejarias, olarias, moinhos e carpintarias. O autor (2007) destaca que a atuação comercial dos imigrantes alemães e italianos foi fundamental para a transformação de Santa Maria em distrito, no ano de 1886.

O cenário descrito por Flôres (2007) pode nos levar à conclusão de que o preconceito racial vem sendo construído e legitimado, desde que a cidade começou a ser povoada, pois enquanto os brancos se destacavam, ocupando posições sociais importantes, os negros eram escravos.

Esta invisibilidade dos negros permaneceu até hoje, tanto que é difícil encontrar bibliografias que tratem da real e efetiva participação do povo de origem africana na formação de Santa Maria.

A cultura afro-brasileira é pouco abordada e, muitas vezes, é ocultada e até deturpada em muitas obras literárias. Monteiro (2015) conta que, ao buscar bibliografias sobre negros em Santa Maria para sua pesquisa, ouviu de muitas pessoas que já haviam pesquisado sobre o tema, que existe pouca produção do assunto.

De forma geral, muitas são as discussões em torno do preconceito racial, presente, inclusive, nas manifestações culturais. Uma delas está centrada no Hino Rio Grandense. Definido pela Lei 5.213/66 como um dos símbolos oficiais do Estado. O hino apresenta 2 versos considerados racistas por parte da população: “Povo que não tem virtude / acaba por ser escravo”. Em 2021, essa polêmica voltou ao debate político-social. Conforme o jornal Sul21 (2021), o deputado estadual Luiz Fernando Mainardi (PT) pretende protocolar um projeto de lei na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul para alterar o referido fragmento, apresentando a seguinte sugestão: “povo que não tem virtude acaba por escravizar”.

Outra questão importante é referente à famosa Revolução Farroupilha, comemorada e aclamada pelos gaúchos, anualmente, no dia 20 de setembro, conhecido como o Dia do Gaúcho. Nessa revolução, que durou 10 anos, os farroupilhas, comandados pelos grandes estancieiros do Estado, tiveram os negros como aliados, em troca de alforria. Porém, na Batalha de Porongos, pouco antes de selar a paz, vendo que não seria possível cumprir o acordo, devido a questões políticas e econômicas, os farrapos entregaram seus lanceiros negros à morte, confirmando que os negros eram meros instrumentos para servir aos interesses dos brancos.

Flores (2013, p. 103-104) registra essa passagem histórica da seguinte forma:

Ofício de 9.11.1844 Caxias ordenou a Francisco Pedro de Abreu que atacasse acampamento de Porongos para poupar o sangue de brasileiro quanto pudesse, principalmente de gente branca e índios. Seguindo a combinação com o barão de Caxias, o General David Canabarro derramou os negros da infantaria acampada em Porongos, na noite de 13 para 14.11.1844 o general Antônio de Souza Neto retirou-se com seus soldados negros para o Uruguai. Na madrugada de 14 de novembro, Abreu atacou e massacróu os negros, permitindo que brancos e índios fugissem.

Nas manifestações artísticas, essa questão não é diferente, ficando evidente nas danças gaúchas, que são executadas com passos ordenados e cadenciados, sarandeios, giros e sapateados inspirados em ritmos europeus que se distanciam completamente do estilo mais livre e solto das danças de origem africana. Sendo assim, observo que dos povos que formaram o RS não temos quase nada da cultura negra.

Paixão Côrtes e Barbosa Lessa, integrantes do grupo de jovens considerados precursores do tradicionalismo gaúcho, realizaram uma pesquisa e, a partir dela, ditaram as regras de como deveriam ser as danças gaúchas. Em 1953, publicaram a

1ª edição do Manual de Danças Gaúchas, que é seguido, até hoje, nos CTGs. Essa obra já foi reeditada várias vezes e continua sendo seguida à risca. Nela, os autores afirmam categoricamente, em todas as edições, que a força criadora da dança vem da elite.

Côrtes e Lessa ([1967?], p. 17-18) resumem a origem das danças gaúchas da seguinte forma:

[...] Na dança, a fôrça-criadora mais potente se encontra no grupo social. Daí termos dito que é problema secundário o sabermos de onde nos chegaram as danças populares. Nos tempos do Brasil-Colônia elas tiveram como “foco de irradiação” a pomposa Madri. E Paris, durante séculos, subjugou-nos inteiramente às suas modas, até que os soldados norte-americanos - pisando vitoriosamente o solo europeu ao fim da 1ª Guerra Mundial - concedessem à sua Nova York um papel de importância cultural tão relevante quanto o desempenhado pela Cidade-Luz. A origem das mais antigas danças populares brasileiras está escondida na Espanha dos séculos XVII e XVIII. E a origem imediata das danças gaúchas mais antigas se encontra nas velhas danças brasileiras. O Rio Grande do Sul iniciou seu processo de formação dos séculos e meio após a descoberta do Brasil; assim sendo, o Estado mais meridional da União sentiu, já em suas raízes, como principal fôrça de influência aquela profunda mestiçagem cultural que dois séculos de povoamento haviam elaborado no Brasil.

É notória a negação da cultura africana pelos autores e, mesmo atualmente, essa invisibilidade do negro na cultura do RS continua sendo muito evidente.

Outras publicações relativas às danças gaúchas, baseiam-se nos ensinamentos colhidos do mencionado manual. Ourique (2014, p. 23) ratifica essa afirmação, dizendo que as nossas danças são oriundas das antigas danças brasileiras e das trazidas pelos imigrantes.

Quanto às danças gaúchas de salão, também se observa a negação da cultura afro-brasileira e a hegemonia cultural da elite em detrimento às classes desfavorecidas.

Schuwuchow (2008, p. 13) salienta que:

Alguns centros de influência mundial ditaram moda na arquitetura, literatura, vestimentas, não sendo diferente na dança. Estes pólos urbanos destacaram-se por possuírem cultura mais avançada do ponto de vista sócio-econômico e intelectual. Em determinado momento da história, os pólos de irradiação das danças foram: Espanha, Portugal, França e Áustria. [...].

Dando continuidade a essa ideia, a autora esclarece que as danças precisam primeiro ser praticadas e aceitas, por um bom tempo, pelas classes que ela denomina

de “grupos sociais superiores”, representantes da elite, para que, depois, sejam assimilados pelos “grupos sociais mais modestos”.

O preconceito arraigado na cultura Sul rio-grandense é um fato. Santa Maria/RS, cidade gaúcha do interior do Estado, traz essa herança cultural racista e elitizada, por isso o samba, apesar de ser reconhecido e defendido por uma parte da população, ainda tem muito a conquistar. Provavelmente, seja esse o motivo de os registros da presença do samba na cidade constarem, somente, a partir da década de 1930.

Entre os poucos registros que encontrei sobre a história do Samba em Santa Maria, destaco a reportagem “Samba Nosso”, publicada no jornal Diário de Santa Maria. No texto, Matge (2016) afirma que o samba teria chegado aqui com militares cariocas que vieram servir nos quartéis da cidade:

Em Santa Maria, nessa época, o samba chegava pelos trilhos da antiga Viação férrea. Nos quartéis, militares cariocas ajudaram a disseminar o ritmo nas bandas de música. O processo migratório se perpetuou com fluxo de pessoas de fora que vinham estudar ou trabalhar na cidade (MATGE, 2016, p. 5)

A partir dessa reportagem, podemos destacar a importância da Rede Ferroviária e dos militares para o processo de reconhecimento do samba em Santa Maria.

Flôres (2007) destaca a importância da Viação férrea para o avanço do desenvolvimento econômico e sociocultural da cidade.

Enquanto Matge (2016) comenta que os clubes sociais negros foram fundamentais para disseminação do samba, Flôres (2008) atesta que a 1ª entidade fundada por Ferroviários, em Santa Maria, foi a “Sociedade Recreativa Ferroviária 13 de Maio”, em 1903, em uma época em que o preconceito racial era mais explícito, esse clube era voltado à comunidade ferroviária de trabalhadores afrodescendentes e suas famílias.

Antes da fundação da “Sociedade Recreativa 13 de Maio”, surgiram outras entidades negras. Segundo Grigio (2018), logo após a abolição, devido à forte discriminação social, a população de ex-escravos começou a se organizar e, ainda no final do século XIX, já tinham fundado três associações em Santa Maria: A Irmandade do Rosário, o Clube União familiar e a Sociedade do Rosa. Nesses espaços, os negros praticavam livremente suas manifestações.

Aqui, no Coração do Rio Grande, foi nos clubes que a maior festa popular brasileira, o carnaval, começou a ser realizada e, estendeu-se às ruas.

Nesse sentido Flôres (2007, p. 218) comenta que:

Pelos relatos, especialmente na imprensa local e nos materiais da Câmara de Vereadores, as festas de carnaval na cidade tomavam conta dos salões das diversas sociedades recreativas e alcançavam as ruas. Assim, toda a população tinha oportunidade de participar.

No entanto, apesar de o carnaval ser muito popular, Flôres (2007) diz que nem todos gostavam da ideia de realizá-lo. Um cidadão santa-mariense, chamado José Gonçalves da Silva, pediu ao presidente da Câmara, para que não concedesse recursos aos blocos carnavalescos.

Geralmente, o carnaval é associado só a cultura afro-brasileira, por ser uma festa popular marcada pelo samba, mas, na verdade, é complexo definir exatamente de onde ele é originário. Marques e Zasso (2020) relata que a origem do carnaval pode ser atribuída a festas egípcias, romanas e gregas. Conforme os autores (2020), os portugueses costumavam realizar uma comemoração carnavalesca, o entrudo, que ocorria antes da Quaresma. Nessa festa a população se dividia por classe social. O entrudo popular era realizado na rua e contava com uma população pertencente à classe baixa, marginalizada, composta principalmente por negros e, muitas vezes, era um evento violento. Enquanto que o entrudo familiar era realizado pela elite, dentro de suas casas.

O modelo de carnaval que temos hoje consagrou-se no Rio de Janeiro como a maior festa brasileira e, estendeu-se para as demais regiões do país, sendo modificado de acordo com as características culturais de cada localidade.

Acredito que, por ser uma comemoração popular, marcada pelo samba e prestigiada principalmente pelas classes pobres, o carnaval é mais associado à cultura africana, sendo esse um dos motivos de sofrer preconceito.

Em Santa Maria/RS, o reconhecimento do samba, a partir de 1930, propiciou também a realização de festas carnavalescas, que começaram, primeiro nos clubes e, posteriormente, estenderam-se às ruas. Somente em 1959, foi fundada por um grupo de homens liderados pelo sargento do exército Agenor Alves do Amaral, a 1ª escola de samba da cidade, batizada de Vila Brasil. Essa escola fez seu 1º desfile de rua em 1960.

Atualmente, a “cidade cultura”, conta com 8 escolas de samba, que deveriam ser “amparadas” pela lei 3811/1994, criada pela Câmara de Vereadores para dar suporte às entidades. Porém, há 6 anos, existe um abandono pelo poder público, o que tem dificultado as suas ações carnavalescas, incluindo o carnaval de rua que não está sendo realizado desde 2016. Conforme Minussi (2016, p. 7):

A Prefeitura não irá mais investir no desfile das escolas de samba na Avenida Liberdade em 2016. A decisão foi anunciada pelo próprio prefeito Cezar Schirmer (PMDB), na manhã desta segunda-feira, em entrevista coletiva concedida no Gabinete da SUCV. O motivo alegado é a necessidade de ter que investir em outras áreas consideradas prioritárias pela Administração Municipal (MINUSSI, 2016, p. 7).

Minussi (2016, p. 7) ainda sublinha a repercussão nas redes sociais, sobre a decisão do Poder Executivo:

A decisão da Prefeitura de cancelar o repasse de recursos públicos para a realização do desfile das escolas de samba teve ampla aprovação nas redes sociais. Até às 18h desta segunda-feira, eram mais de 90 mil visualizações, 800 compartilhamentos e mais de duas centenas de comentários nas publicações de A Razão no Facebook. A cada dez comentários, nove aprovavam a decisão anunciada pela Prefeitura (MINUSSI, 2016, p. 7).

Observei, nessa constatação, o desprezo de parte da população para com a cultura que identifica o povo negro, celebrando a decisão da prefeitura e demonstrando uma ideologia devastadora que frequentemente permanece dissimulada no seio da sociedade: o preconceito racial.

Nesse contexto, cabe uma discussão em torno dos motivos pelos quais o carnaval parece não ser visto como um evento cultural importante pelos gestores do município. Na verdade, não ter carnaval é uma questão intencional, haja vista, que existe verba pública destinada à cultura, a qual é aplicada, anualmente, em outros eventos, como por exemplo, a Tertúlia Musical Nativista. Tal procedimento mostra o quanto a cultura popular, principalmente, quando associada a classe social menos favorecida, é rechaçada pela elite e pelos governantes.

É nesse cenário que o samba se desenvolve e tenta, a duras penas, consolidar-se como um elemento cultural reconhecidamente importante para história deste município.

4.4 SANTA MARIA/RS - CIDADE CULTURA?

Neste tópico caberia uma discussão sobre a designação "Cidade Cultura" atribuída à Santa Maria, em 1968, pela Lei Municipal nº 1322/68, devido à sua diversidade cultural. Será que entre todas as cidades do Brasil, apenas uma merece esse título? O que levou à elaboração dessa lei? No cenário atual, chamar Santa Maria de Cidade Cultura, faz sentido?

Esses e outros questionamentos, sem dúvida, renderiam uma discussão bem interessante e polêmica. Penso que o assunto em questão poderia culminar em uma produção acadêmica específica. Aqui, pretendo apenas fundamentar o título do meu trabalho, explicando o motivo pelo qual utilizei a expressão cidade cultura para me referir a Santa Maria.

Primeiramente, porque a intenção é salientar que, merecendo ou não, a cidade é conhecida assim e a proposta deste estudo não é questionar isso, mas, ainda que de forma implícita, criticar o fato de um dos principais elementos culturais brasileiros, o samba, bem como uma das nossas maiores festas populares, que está diretamente relacionada a ele, o carnaval, encontrarem dificuldade de se manter nessa cidade que é enaltecida pela sua cultura. Isso é no mínimo contraditório.

Outro motivo que me levou a usar essa referência é que se trata de uma conquista de muitos anos, advinda de ações e contribuições de pessoas que trabalharam em prol do desenvolvimento sociocultural do município, fazendo parte de uma história que não pode ser extinta, nem esquecida. Afinal, é a partir da cultura que construímos a identidade individual e coletiva.

Na minha pesquisa cabe entender o porquê a cidade foi agraciada com esse título, merecendo uma lei para garanti-lo e, a partir desse entendimento, refletir sobre a atual realidade em relação ao meu objeto de estudo, o samba.

Para Flôres (2007), na primeira metade do século XX, a cidade começou a ganhar visibilidade devido à expansão do comércio e ao desenvolvimento educacional, proporcionado pelo transporte ferroviário, que também contribuiu para um avanço cultural significativo.

Flôres (2007, p. 212-213) relata que:

Paralelo aos avanços do setor educacional, com suas inúmeras instituições e oferta de vagas para milhares de alunos do ensino fundamental, ginasial, secundário, e superior, a cidade passou a contar outros estabelecimentos que lhe deram aporte para o desenvolvimento cultural.

Esse foi o caso do “Cine Teatro Independência”, inaugurado em 1922, localizado junto à Praça Saldanha Marinho, num amplo prédio onde passaram a ser realizados os principais eventos culturais da cidade, que atraía milhares de pessoas todos os meses para assistir peças teatrais e filmes, sendo muito utilizado pelos estudantes. Foi também um ponto de referência para os ferroviários, pois o seu auditório comportava mais de mil pessoas, o que permitia a realização das grandes assembleias da categoria.

Não foi fácil encontrar material sobre esse assunto, talvez exista uma bibliografia específica. O fato é que encontrei poucas referências. Além da lei municipal, li passagens em obras sobre Santa Maria/RS, que apontam a lei e as manifestações culturais que foram se desenvolvendo na cidade, desde sua fundação. Não posso afirmar que não existe algo mais pontual sobre o assunto, tendo em vista que, devido a pandemia da Covid-19, não consegui ter acesso a bibliotecas, nem ao Arquivo Histórico e Cultural de Santa Maria²², onde poderia ter encontrado textos jornalísticos e documentos.

Coletei dados importantes em um documentário produzido pela TV Campus/UFSM (2017)²³, que apresenta depoimentos de personalidades santamarienses, explicando sobre a designação "Cidade Cultura". Nesse material, Valter Noal Filho, Aristilda Rechia e Máximo Trevisan defendem essa atribuição concedida ao município.

Valter Noal Filho destaca as construções no entorno da Praça Saldanha Marinho: Clube Caixeiral, fundado por volta de 1926; o prédio onde funcionava o Banco Nacional do Comércio (1918), hoje, Caixa Econômica Federal; o Edifício Cauduro, construído no final de 1930 e o mais antigo de todos, o Theatro Treze de Maio²⁴, inaugurado em 1890.

Aristilda Rechia comenta que companhias de teatro internacionais, no percurso do trem, passavam por Santa Maria/RS, rumo ao Rio de Janeiro e tiravam alguns dias para se apresentarem aqui. A escritora também ressalta a importância de Edmundo Cardoso para a cultura da cidade. Edmundo se destacou na literatura, no teatro, no cinema e no jornalismo, além disso foi o fundador da Escola de Teatro Leopoldo Fróes. Sua família ainda mantém a Casa de Memória Edmundo Cardoso²⁵, onde segundo

²² Embora tenha tido acesso a alguns arquivos digitais: de 2004 a 2017 (até fevereiro).

²³ Ver: https://www.youtube.com/watch?v=hVUbQx41uHw&ab_channel=DiogoElzinga>. Acesso em: 10 jan. 2021.

²⁴ Ver: <https://www.theatro13maio.com/>

²⁵ Localizada na Rua Pinheiro Machado, 2712 – Bairro Centro, Santa Maria - RS, CEP 97.050 – 600 (<https://www.edmundocardoso.com.br/>. Acesso em: 26 jan. 2021).

sua esposa, Terezinha de Jesus, tem um grande acervo que preserva boa parte da história cultural e social de Santa Maria/RS.

Máximo Trevisan salienta a importância da criação da Universidade Federal como um fator determinante para que Santa Maria/RS recebesse o título "Cidade Cultura". Segundo ele, a Faculdade de Belas Artes e a Universidade, aliadas às inúmeras e diversificadas produções artísticas que temos aqui, sustentam essa honraria até hoje. Para esse escritor, Santa Maria/RS é um polo cultural, pois, não só recebe cultura, por meio de pessoas de outras localidades, do Brasil e de fora dele, que vêm estudar e trabalhar aqui, como também oferece suas produções locais.

Ao falar do avanço cultural ocorrido na cidade no século XX, resultante do intenso movimento social e intelectual, principalmente durante a década de 1950, Flôres (2007) atesta que, depois de Porto Alegre, Santa Maria/RS era uma das cidades mais importantes do Estado, sendo reconhecida pelos viajantes, que chegavam pela viação férrea, como o mais importante centro cultural do interior do Rio Grande do Sul.

Kickhofel (KICKHOFEL, 2000 apud FLÔRES 2007, p.215) relata que:

Em 1937, ao deixar a cidade, o pároco da Igreja Episcopal Anglicana, Egmont Machado Krischke, reconhecido literato no meio eclesiástico, se referiu à Santa Maria como uma "cidade culta, hospitaleira e laboriosa", além de apresentar "agradáveis surpresas topográficas (...)" (KICKHOFEL, 2000 apud FLÔRES 2007, p.215)."

Entre os colaboradores que responderam o questionário, a maioria acredita que Santa Maria não merece mais ser conhecida como cidade cultura, devido ao fato de o poder público não assumir uma política pública favorável à produção de eventos culturais, principalmente o carnaval de rua. Conforme **C1**, a cultura da cidade já vinha sofrendo um retrocesso que, após o incêndio da Boate Kiss²⁶, essa questão piorou muito. Para ele, a tragédia foi um "divisor de águas", visto que, hoje, a cidade conta com pouquíssimos eventos que só ocorrem por esforço de seus promotores. Reforçando seus argumentos, **C1** afirma que "para uma cidade como Santa Maria é muito pouco uma Feira do Livro e um Festival Nativista." Já os que concordam que a designação referente à cultura ainda é pertinente para o município, defendem que ela

²⁶ Para saber mais sobre a Tragédia de Santa Maria, ver Memorial Virtual às Vítimas da Boate Kiss, disponível em: <<https://memorialkiss.org/>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

não está presente só no carnaval e em eventos, eles evidenciam as instituições de ensino, bem como as diferentes identidades culturais presentes aqui.

Segundo o *site* Santa Maria em dados²⁷, no que diz respeito ao cenário cultural, atualmente, a cidade conta com um patrimônio de 15 museus, 32 instituições voltadas à cultura de diversas áreas (dança, educação, artes plásticas e cênicas, folclore, história e música), 1 centro histórico, 3 teatros, 3 cinemas, 22 instituições tradicionalistas e 12 associações religiosas.

A partir da análise dos textos, depoimentos e dados abordados até aqui, penso que, apesar de a cidade estar passando por um período de descaso com algumas manifestações culturais, não devemos retroceder, mas sim contribuir para que não se perca o que já foi conquistado. Santa Maria/RS tem um vasto patrimônio cultural, que precisa ser respeitado e valorizado. Cabe à sociedade resgatar e valorizar a multiplicidade cultural que se encontra latente na cidade e que estão correndo risco de se perderem.

Por ora, minha pesquisa propõe uma reflexão sobre o caminho que o samba percorreu na história de Santa Maria/RS e que lugar ele ocupa hoje no cenário cultural dessa cidade que é vista como um símbolo de cultura.

²⁷ Ver: <https://santamariaemdados.com.br/7-cultura/>. Acesso em 15 dez. 2020.

5 PERCEPÇÕES DE UM CORPO QUE SAMBA

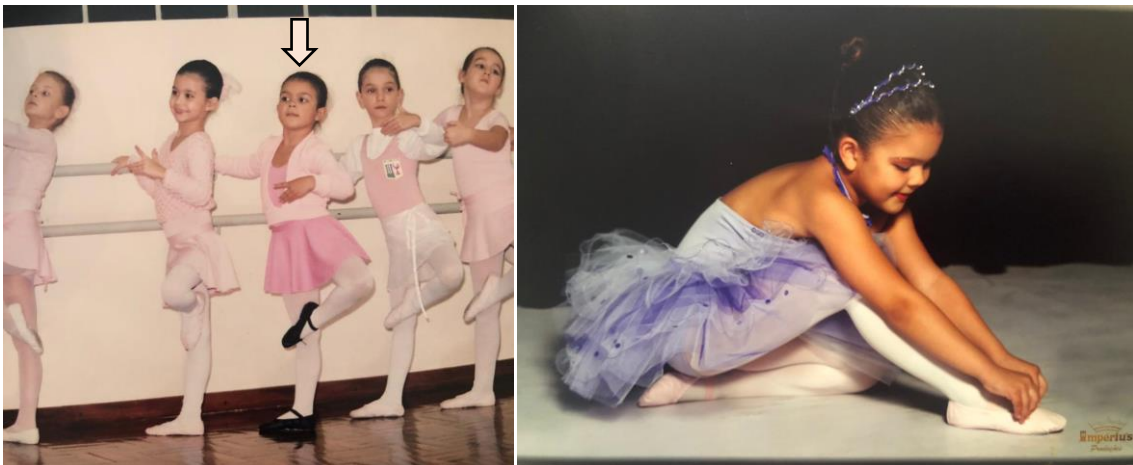
Neste capítulo, apresentarei minhas percepções enquanto sujeito inserida no contexto da dança.

5.1 A MENINA BAILARINA

Penso que a dança sempre fez parte de mim, meus pais contam e mostram nas filmagens, que desde bebê eu adorava dançar, eles me pegavam no colo e dançavam comigo. Quando comecei a caminhar, caindo e levantando, já ensaiava os primeiros passos, inclusive de samba, na frente da televisão tentando imitar a Globeleza Valéria Valenssa.

Mas meu primeiro contato com aulas sistemáticas de dança, foi aos três anos de idade quando ingressei no ballet (Figura 3). Depois, aos seis anos, além do clássico comecei a fazer *Jazz e Street Dance* (Figura 4). Fazia aulas 5 vezes por semana e me sentia realizada. Às vezes, quando os espetáculos se aproximavam, ensaiávamos até nos finais de semana e isso nunca foi um problema para mim, pois dançar era o que mais me fazia feliz.

Figura 3 - Eu bailarina



Fonte: acervo pessoal.

Figura 4 - Eu no Jazz e no Street Dance



Fonte: Acervo pessoal.

Minhas brincadeiras em casa também sempre envolveram dança e concursos de carnaval, mesmo antes de eu ter ido a um evento desses. Eu colocava alguns acessórios de festas, a faixa de Rainha Brotinhos da Associação dos Empregados da Viação Férrea, de 1969, e saía pela casa sambando, sentindo-me a própria rainha do carnaval. Esse foi um presente da minha madrinha que foi quem ostentou o título neste ano, representando um dos mais tradicionais clubes da época.

Dancei *ballet*, *jazz* e *street dance* por seis anos.

Com 8 anos comecei a ter aulas de samba uma vez por semana com duas coreógrafas, uma passista de escola de samba e outra ex-rainha do carnaval do Clube Recreativo Dores. Também ingressei nas aulas de axé e samba do Avenida Tênis Clube. Nessa época, estava difícil conciliar tantas aulas de dança com o colégio, então, meus pais mandaram eu escolher, pois teria que parar com, pelo menos, uma delas. Escolhi ficar com o samba, o jazz e o *street dance*, mas confesso que foi com imensa dor que deixei o *ballet*. Depois, acabei fazendo mais aulas experimentais em academias de dança, oficinas e *workshops*, mas, infelizmente, não foi algo que durou. Acredito que, apesar disso, o clássico ainda se faz presente em alguns momentos da minha dança.

Com 11 anos, resolvi entrar em um grupo de dança tradicionalista gaúcha (Figura 5), na Invernada mirim do Departamento de Tradições Gaúchas do Avenida Tênis Clube, pois fazia muito tempo que me convidavam para participar e, embora eu tivesse muita vontade, acabava negando por saber que precisava ter que largar uma das outras aulas de dança. A partir desse momento, acabei ficando com o grupo tradicionalista e o samba, dancei nas invernadas mirim e juvenil do DTG Avenida Tênis Clube e, depois, fui para a invernada adulta do CTG Sentinela da Querência. Foram 9 anos de danças tradicionalistas, muitas apresentações e concursos em rodeios artísticos, além de 2 Encontros de Artes e Tradição Gaúcha (ENART), considerado o maior festival de arte amadora da América Latina.

Figura 5 - Eu nas danças tradicionais gaúchas



Fonte: Acervo pessoal (Enart e Reculuta Farroupilha, respectivamente).

Em 2017, comecei minha vida acadêmica no Curso de Dança – Bacharelado, da Universidade Federal de Santa Maria, onde pude vivenciar um pouco de todas as aprendizagens que tive com a dança no decorrer da minha trajetória, observando a forma como todas contribuíram para a formação da bailarina pesquisadora que procuro me tornar.

No decorrer da vida, desde a infância, passei por formações variadas, com professores diferentes que me ensinaram tudo que sei, mas de todas as danças das quais participei, até hoje, foi do samba que nunca me separei, toda vez que precisei escolher e deixar uma delas, nunca hesitei em manter o samba na minha vida, por

isso, ao chegar na reta final da minha graduação, o tema do meu trabalho de conclusão de curso não poderia ser outro senão o samba.

5.2. OS TRILHOS DO SAMBA NA MINHA VIDA

Talvez possa soar um tanto audacioso da minha parte, ao falar do papel do samba na minha vida, citar os versos de Dorival Caymmi: "Eu nasci com o samba/ No samba me criei, / Do danado do samba, / Nunca me separei.". No entanto, é exatamente dessa forma que me identifico com essa arte que sempre esteve presente em mim, mesmo antes de eu a reconhecer em diferentes espaços de atuação.

Pelas histórias que minha família conta, comecei a refletir sobre o fato de trazer comigo, desde sempre, um sentimento de amor pelo samba. Eles dizem que, quando eu tinha 4 meses, na época do carnaval, ao ouvir a música da propaganda da Globeleza, eu procurava aquele som. Se estava dormindo acordava e ficava agitada. Todos falam que não sabem explicar o que acontecia, mas que era um fato que chamava atenção.

Depois, no ano seguinte, com 1 ano de idade, eu já corria para frente da televisão e sapateava, tentando imitar a Globeleza. Desfiles de escolas de samba do Rio de Janeiro, transmitidos pela TV, roubavam minha atenção.

Com 3 anos, fui pela primeira vez em um baile de carnaval infantil, no Clube Caixeiral Santamariense²⁸. Fiquei realizada e encantada com a rainha do clube, a partir daí eu dizia que seria rainha como ela. Nesse clube, houve um concurso de fantasias, no qual me convidaram para participar. A maioria das crianças desfilaram inibidas, mas eu resolvi atravessar o salão numa espécie de sapateado, imaginando que estava sambando, o que levou a plateia ao delírio. Daí em diante, nunca mais abri mão do carnaval.

Foi em 2008, com 8 anos, que meu sonho começou a se realizar. Participei do Bloco Xameguinho, corte infantil do Clube Recreativo Dores²⁹. Tivemos ensaios diários, por um mês, com uma coreógrafa. Nesse mesmo ano, fui convidada para participar do concurso Musa do Samba de Santa Maria na categoria mirim. Então, comecei a ensaiar com uma ex-rainha do Clube Recreativo Dores, que considero a

²⁸ As ruínas da sede central estão localizadas na Rua do Acampamento, 39 – Centro, Santa Maria – RS, CEP 97.050-000 (<http://clubecaixeiral.blogspot.com/> - Acesso em: 26 jan. 2021).

²⁹ Sede central localizada na Rua Bento Gonçalves, 400 – Bairro Nossa Senhora das Dores, Santa Maria – RS, CEP 97.050 – 090 (<https://www.clubedores.com.br/> - Acesso em: 26 jan. 2021).

minha primeira coreógrafa, e conquistei o meu primeiro título de carnaval. Passei a fazer aulas semanais de samba, com 2 coreografas, a ex-rainha que tinha me ensaiado para o concurso e uma passista e ex-rainha de escola de samba. Também comecei a frequentar aulas de axé e samba no Avenida Tênis Clube³⁰.

No final do mês de agosto de 2008, fui convidada para participar do concurso interno de rainha do carnaval do Clube Dores. Não foi fácil convencer a minha mãe a deixar que eu concorresse. Acabei conseguindo a liberação, mas perdi o concurso. O que poderia ter sido uma frustração, foi uma realização, pois só o fato de ter participado me deixou muito feliz e certa de que eu queria tanto aquilo, que continuaria tentando.

Não demorou muito para receber outro convite. No mês de outubro do mesmo ano, já com 9 anos de idade, fui convidada para o concurso interno de rainha infantil do carnaval do Avenida Tênis Clube, o qual venci e representei o clube no concurso das Entidades Sociais, onde conquistei o título de Rainha do Carnaval Infantil das Entidades Sociais de Santa Maria.

No concurso interno do ATC, dancei pela primeira vez ao som da bateria da Escola de Samba Unidos do Itaimbé³¹ e fui convidada para integrar a escola como passista infantil. A partir desse dia, foi amor, foi paixão, foi realização e a quadra da escola passou a ser o meu chão, não só em época de carnaval, mas também durante todo ano.

Em 2010, fui a Júlio de Castilhos, representar Santa Maria em um concurso estadual, retornei para casa com o título de Soberana Infantil do Carnaval do Rio Grande do Sul.

No ano seguinte (2011), com 11 anos, representei o Esporte Clube Internacional de Santa Maria³² no concurso de rainha infantil do carnaval da cidade, venci e fui a Bagé/RS, onde conquistei o Rainha Infantil do Carnaval do Rio Grande do Sul, disputado com meninas de diferentes cidades do Estado, cada uma com seu estilo de samba. Nessa época, como Rainha da Cidade e do Estado, eu visitei todas as escolas de samba e clubes de Santa Maria/RS. Foi um tempo em que a Prefeitura Municipal apoiava a realização do carnaval.

³⁰ Sede localizada na Avenida Dois de Novembro, 1290 - Patronato, Santa Maria - RS, CEP 97.020 – 230 (<https://atc.esp.br/> - Acesso em: 26 jan. 2021).

³¹ Sede localizada na Rua Silva Jardim, 2572 – Bairro Nossa Senhora do Rosário, Santa Maria – RS, CEP 97.010 – 491 (<http://unidosdoitaimbe.blogspot.com/> - Acesso em: 26 jan. 2021).

³² A sede está localizada na Rua Ana Nery, 390 – Bairro Noal, Santa Maria – RS CEP: 97.020-030 (<https://www.intersm.com.br/> - Acesso em: 26 jan. 2021).

Passado o Carnaval de 2011, eu queria fazer algo mais. Apesar da pouca idade, sentia que poderia divulgar mais o samba e a escola da qual participava. Então, falei com minha mãe e uma amiga que era da diretoria da escola e montei um projeto de aulas de samba chamado "Grupo Samba da Minha Terra" (Figura 6), que durou 5 anos e teve 2 formações. Fazíamos ensaios semanais na quadra da escola durante todo ano, que eram intensificados na época de carnaval. Fizemos apresentações em vários eventos da cidade.

Figura 6 - Eu no Grupo Samba da Minha Terra



Fonte: Acervo pessoal (o ex-prefeito Cezar Schirmer com o Grupo: imagem à direita).

Em 2012, desfilei como passista, puxando uma das alas da escola.

Em 2013, durante 2 meses, ensaiei com um menino para sermos um dos casais de passistas, porém devido a tragédia da Boate Kiss, o carnaval foi cancelado. Ainda nesse ano, participei de um *duo* no Santa Maria em Dança³³ (Figura 7), com um samba coreografado por Karen Tolentino³⁴.

Ao todo, participei de 5 desfiles de rua (Figura 8), de 2010 até o último realizado em 2015. A partir de 2016, o prefeito da cidade começou a alegar que não poderia mais arcar com as despesas, pois precisava investir mais em educação e saúde.

³³ Festival de dança, de caráter competitivo (<https://www.santamariaemdanca.com/> - Acesso em: 26 jan. 2021).

³⁴ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria, Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria (2015), formada em Educação Física - Bacharelado - pela Faculdade Metodista de Santa Maria (2007) e acadêmica em Dança - Licenciatura - pela Universidade Federal de Santa Maria. Endereço do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9819483106831601> (Acesso em: 26 jan. 2021).

Desde então, nossas 8 escolas, foram se apagando e, hoje, somente a Escola de Samba Vila Brasil³⁵, a mais antiga da cidade, consegue manter alguns eventos em época de carnaval, além de projetos sociais durante todo ano.

Figura 7 - Eu no Santa Maria em Dança



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 8 - Eu nos desfiles de rua



Fonte: Acervo pessoal (carnaval de rua: 2010 e 2015, respectivamente).

³⁵ Sede localizada na Rua Aristides Lobo, 800 – Bairro Nossa Senhora do Rosário, Santa Maria – RS, CEP 97.020-080 (<http://vilabrasilsantamaria.blogspot.com/> - Acesso em: 26 jan. 2021).

O carnaval de rua acabou, as escolas foram parando de realizar eventos em suas quadras, mas alguns clubes mantiveram a festa em seus salões.

Em 2017, fui Soberana do Samba do Rio Grande do Sul e, em 2018, Rainha do Carnaval do Avenida Tênis Clube e 1º Princesa do Carnaval de Santa Maria. Na Escola Unidos do Itaimbé, fui rainha de festas, musa da escola e musa da bateria.

Na minha formação acadêmica, no curso de Dança - Bacharelado, na Universidade Federal de Santa Maria, percebi que em todas as criações artísticas produzidas por mim sempre havia algo do samba, como, por exemplo, movimentos de braço, de perna, além de passos específicos que aprendi desde o início de minha vivência nesse universo. Saliento, contudo, dois trabalhos nos quais essa expressão artística esteve em destaque: no primeiro, durante as atividades propostas pela disciplina MSC1082 - Música I, na qual podíamos trabalhar com músicas gravadas e sons produzidos a partir do corpo, utilizei esses dois meios para criar e apresentar uma produção de samba. Depois, na disciplina DAC1088 - Procedimentos de Criação II, cujo objetivo estava centrado em nos auxiliar para que definíssemos o objeto de estudo do TCC, bem como na criação e performance de uma apresentação cênica coreográfica, que, ao final, resultou na produção audiovisual "Percurso". A partir de então, iniciei minha pesquisa sobre o samba e as diferentes formas de compor suas coreografias, direcionando-a como o tema que pretendia escolher para meu trabalho final.

Nunca deixei de fazer aulas em diferentes espaços, tais como: Academia Dancidade, Grupo Cia do Samba, Avenida Tênis Clube e Grupo Samba da Minha Terra. Também investi muito em aulas individuais. Foram 9 coreografias com técnicas e visões diferentes em relação ao samba. Entre elas ex-rainhas de clubes, ex-rainhas de escolas de samba, educadoras físicas, passistas homens e mulheres. Também busco exemplos e aulas na *internet*. Em 2020, com a pandemia, tive a oportunidade de fazer um *workshop online* com Carlinhos do Salgueiro^{36,37}, um dos mais renomados coreógrafos de passistas do Rio de Janeiro.

Durante toda minha trajetória, aprendi muito e creio que, ao longo do tempo, fui absorvendo os ensinamentos e estruturando o meu samba, de acordo com o que me identifico, para não me tornar apenas uma reprodutora de coreografias.

³⁶ Instagram: https://www.instagram.com/carlinhossalgueiro_oficial/?hl=pt-br. Acesso em: 26 jan. 2021.

³⁷ Ver: <https://www.carnavalesco.com.br/da-tijuca-para-niteroi-carlinhos-salgueiro-vai-ser-destaque-na-serie-a/>. Acesso em: 26 jan. 2021.

Quando danço, principalmente ao som da bateria, sinto a batida como se fizesse parte de mim, meus movimentos vêm do sentimento que vai tomando meu corpo no momento.

Atualmente, tenho algumas restrições quanto ao samba que está sendo apresentado aqui na cidade. Estamos vendo uma vasta mistura de passos de outras danças como *ballet*, *jazz*, dança afro. No questionário, perguntei a opinião dos colaboradores quanto a essa mistura. A maioria respondeu que não são contra, mas que se deve cuidar os exageros, o que eu concordo plenamente.

As diferentes danças que aprendi me ajudaram muito no samba, em especial o *ballet* na questão postural, no jogo de braços, na delicadeza dos passos. **C4** também salientou o *ballet* na sua resposta, ela contou que aprendeu a sambar, para participar de um concurso de rainha do carnaval, fazendo aulas de *ballet*.

Penso que, pelo fato de o samba ser um estilo mais livre, cabe sim algumas inovações, mas com cuidado para que sua essência não se perca. Não podemos perder a ancestralidade negra, usando elementos de outras danças de forma exagerada, principalmente para não corrermos o risco de "embranquecê-lo". Sobre essa questão, **C1** respondeu:

Depende da finalidade dessa execução. Há situações em que o samba "raiz" deve se manter fiel. Acho estranha uma apresentação de samba que acabe em um "espacate", por exemplo. Porém, nunca vi a arte como algo fechado, pronto, acabado. Acho que o bom senso pode definir em que medida tais passos se aproximam ou se distanciam mais dos passos tradicionais do samba.

Para mim, nos desfiles de escolas de samba, onde a letra do samba-enredo conta uma história, cabe mais passos e encenações, que remetam ao tema que está sendo apresentado na avenida, do que em espetáculos e concursos que envolvem a dança, pois acredito que nesses casos o samba deva ser apresentado com seus passos mais originais.

Meu olhar em relação ao samba vem de experiências que vivenciei. Importante salientar que, neste cenário, sou vista como uma mulher branca, da elite, inserida em um espaço que, normalmente, é relacionado ao povo negro, principalmente, da periferia. No entanto, nem tudo é o que aparenta, pois sou filha de pai negro e, estou longe de ser da elite. Esse é um rótulo devido ao fato de eu ter começado, primeiro participando de carnaval de clube.

Algumas pessoas acham que negros têm mais habilidade para dançar samba, mas a maioria dos colaboradores salientaram que não se trata de uma questão de raça. Nesse sentido **C7** relata que:

Eu acho que a habilidade do samba não, necessariamente, está ligada a raça, mas é importante dizer que a origem do samba, como tu diz ali na pergunta, é uma origem negra né, o samba vem da negritude, só que o país, o Brasil é um país miscigenado né, hoje, cada dia mais a gente está miscigenado né, se a gente for ver até a nossa própria sociedade é assim. Eu acho que trata-se de uma questão de identidade, de pertencimento, é a pessoa que nasce naquela comunidade, a pessoa que vive aquilo desde o início, então aquela pessoa acaba sendo uma amante do samba, sendo aquela pessoa que é realmente samba de corpo e alma, como se fala, mas dizer que só pessoas negras dançando, que só pessoas negras são do samba é errôneo. Têm ótimos intérpretes brancos, têm ótimos sambistas, passistas, porta-bandeiras, mestre-sala, o que a gente não pode deixar é que aconteça uma apropriação cultural em que só brancos tenham espaço, lugar de destaque e os negros não tenham destaque, os negros ficam só empurrando os carros alegóricos enquanto os brancos estão em cima, acho que tem que ter esse cuidado com a apropriação cultural [...].

Aqui em Santa Maria/RS também existe uma ideia de que tem diferença do samba das meninas que aprendem em clubes e as que pertencem a escolas de samba, assim como alguns defendem que o samba varia de região para região. **C1** diz que:

Como promotor do concurso Rainha do Carnaval do RS, percebo essas diferenças, já que participam meninas de praticamente todas as regiões do estado. Claro que não são variações gritantes, pois samba é samba. Um exemplo: não tenho visto a famosa “baixada” em representantes das outras regiões. Nas candidatas daqui, isso é recorrente.

Analisando a minha vivência no contexto ao qual estou inserida e considerando que sempre transitei entre os clubes da cidade, vistos como lugar da elite, e escolas de samba, lugar do povo, não concordo com a visão de que há diferenças na execução dos passos de samba, que rainhas de clube dançam de um jeito e de escola de outro, até porque, aqui em Santa Maria/RS, as coreografias de clubes e escolas são as mesmas. Essa divisão de samba de clube e samba de escola é um estigma. Na realidade, em época de carnaval, as pessoas transitam entre esses espaços. O que observo é a diferença de habilidade, geralmente, as meninas que desde criança frequentam as escolas de samba, têm mais facilidade, enquanto que os clubes costumam escolher rainhas que nunca sambaram e precisam aprender em 2 ou 3

meses. Lógico que isso transparece na hora dos concursos, levando a essa concepção errônea.

Já quanto as diferenças do samba praticado em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, como Santa Maria/RS, em comparação ao samba carioca, é inegável algumas variações significativas, pois no Rio de Janeiro, essa dança é muito mais praticada, tem mais visibilidade e mais reconhecimento, sendo vista como símbolo da cultura daquele estado, bem como do país.

No próximo capítulo, será apresentada a produção audiovisual, estudo coreográfico criado a partir desta pesquisa.

6 A REPRESENTAÇÃO QUE TRANSCENDE A HISTÓRIA

A produção audiovisual “Percurso” (Figura 9) procurou dialogar com este trabalho escrito, ao passo que retratou circunstâncias identificadas, na pesquisa, como precursoras do samba no município de Santa Maria/RS, cuja inserção e difusão teve significativa contribuição de militares advindos, sobretudo, das regiões nordeste e sudeste do Brasil, na década de 1930, pelos trilhos da Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA).

Paralelamente, alguns aspectos da história de vida das pessoas que colaboraram com a pesquisa, bem como da minha vivência no universo da dança, foram destacados neste vídeo.

As gravações foram realizadas em lugares associados aos resultados deste estudo. Dessa forma, as filmagens ocorreram em diferentes espaços da antiga estação ferroviária de Santa Maria/RS³⁸ (trilhos, vagões, plataforma de embarque/desembarque e o largo da estação), na frente da Escola de Samba Unidos do Itaimbé³⁹, na Avenida Liberdade⁴⁰ e na Praça General Osório⁴¹, conhecida popularmente como Praça Marechal Mallet.

As cenas e movimentos criados, foram elaborados por mim, com acompanhamento, sugestões e correções propostas pelo professor orientador, tomando como base, sempre, os elementos da pesquisa. A escolha dos figurinos também foi guiada por esses fundamentos.

A trilha sonora deste produto baseou-se nos sambas “Nervos de Aço” e “Felicidade”, de Lupicínio Rodrigues⁴² - Lupe, como era chamado -, que foram

³⁸ As ruínas da antiga estação estão localizadas no Largo da Estação Irmão Estanislau, s/n - Centro, Santa Maria - RS. A denominação do espaço foi formalizada pela Lei municipal N.º 2144/1980, disponível em: <<https://www.camara-sm.rs.gov.br/camara/proposicao/lei-ordinaria/0/1/0/3823>>. Acesso em: 17 jan. 2021.

³⁹ Localizada na rua Silva Jardim, 2572 - Nossa Senhora do Rosário, Santa Maria - RS, CEP 97010-491. Não foi possível adentrar nas dependências da instituição devido às restrições impostas pela pandemia da Covid-19, cujo espaço permanece temporariamente fechado.

⁴⁰ Nomenclatura oficializada pela Lei municipal N.º 4827/2005, que dispõe sobre a denominação de ruas conhecidas popularmente no município de Santa Maria, disponível em: <<https://www.camara-sm.rs.gov.br/camara/proposicao/lei-ordinaria/0/1/0/1140>>. Acesso em: 17 jan. 2021. Até 2015, o carnaval de rua de Santa Maria era realizado nesta avenida.

⁴¹ Denominada pela Lei municipal N.º. 1369/1969, disponível em: <<https://www.camara-sm.rs.gov.br/camara/proposicao/lei-ordinaria/0/1/0/4598>>. Acesso em: 17 jan. 2021. A praça está localizada entre a Avenida Liberdade e a Rua Marechal Hermes, tendo ao fundo o Regimento de Artilharia Auto Rebocada - Regimento Mallet.

⁴² Compositor e cantor brasileiro: https://www.ebiografia.com/lupicinio_rodrigues/. Acesso em: 26 jan. 2021.

concebidos em solo santa-mariense, entre os anos de 1933 a 1935, quando o músico e compositor gaúcho servia ao Exército Brasileiro.

Para a gravação das cenas, utilizei um smartphone Samsung Galaxy A30 SM-A305GT 64GB Android (versão 10). E, na edição dos vídeos, foi usado o *software* VSDC Video Editor ® Free Edition, v6.5.4.217⁴³.

Assim, minha produção audiovisual, intitulada “Percurso”, foi pensada a partir da pesquisa que realizei sobre a trajetória do samba em Santa Maria/RS, procurando perpassar a história dessa arte aqui na cidade e, desse modo, trazer a minha vivência como sambista e a visão que tenho, hoje, em relação a tudo que experimentei, procurando inserir os conhecimentos adquiridos à minha formação como bailarina, intérprete e pesquisadora, futura bacharela em Dança.

Devido ao momento que estamos vivendo, a produção audiovisual foi o meio encontrado para pôr em prática o processo criativo do TCC, visto que ela é voltada a apresentações que mesclam as linguagens verbal, visual e sonora. Sendo assim, abre espaço para as criações artísticas e, como defende Rinaldi (2010) a arte e a linguagem consistem em processos criativos que se voltam para os códigos da linguagem audiovisual, portanto, ela se torna obra de arte quando o autor busca intencionalmente apropriar-se do meio e suas possibilidades para criar.

Optei por alguns espaços que são mencionados nas fontes que utilizei para a pesquisa, como referências da história do samba em Santa Maria/RS e também, espaços que fizeram parte da minha vida. Reconheço que existem outras possibilidades, mas esses foram escolhidos devido ao fato de estarem mais relacionados aos dados que coletei.

A partir desses lugares, inseri as figuras que foram relevantes para o reconhecimento do samba em Santa Maria/RS. Admito que poderia ter considerado outros espaços e outras personagens; no entanto não seria possível abordar tudo em uma única produção, para não correr o risco de torná-la longa e, conseqüentemente, cansativa para quem a assistir.

Na pesquisa, abordei a questão do papel dos negros na formação do município, retratando as irmandades criadas por eles, que culminaram com a fundação de alguns clubes sociais exclusivos da comunidade negra, como por exemplo Clube Treze de Maio, e o importante papel deles na cultura do samba. Porém, nas fontes pesquisadas

⁴³ O software pode ser baixado em: <<http://www.videosoftdev.com/pt/free-video-editor/download>>. Acesso em 26 dez. 2021.

sobre a inserção do samba em Santa Maria/RS, os autores apontam 1930 como marco inicial, com a vinda de militares de diversas regiões do país.

Sendo assim, minhas escolhas foram: a Gare da Estação Ferroviária, a Avenida Liberdade, a Praça General Osório (conhecida como Mallet) e a Escola de Samba Unidos do Itaimbé. As figuras que dialogam com esses espaços, mesclados com o meu “eu” nesse universo, foram: o militar, a bailarina, a passista e o “malandro”.

A seguir, para fundamentar o meu processo criativo, apresento uma breve descrição dos espaços e das personagens que fizeram parte do vídeo:

Gare da Estação Ferroviária: segundo as pesquisas a construção da Viação Férrea em Santa Maria, foi fundamental para o desenvolvimento da cidade nos aspectos econômico, social e cultural. Também é salientado a chegada dos militares que vieram de trem para servir nos quartéis da cidade.

Avenida Liberdade: localizada em frente ao Regimento Mallet, um dos quartéis de Santa Maria, foi palco de diversos desfiles de Carnaval. Foi nessa Avenida que participei de 5 desfiles de rua.

Praça General Osório: conhecida popularmente como Praça do Mallet, está localizada entre o quartel e a Avenida Liberdade, foi usada para mostrar a figura do militar em direção ao quartel.

Escola de samba Unidos do Itaimbé: é uma das mais tradicionais escolas de samba de Santa Maria/RS, campeã de vários carnavais, inclusive do último realizado em 2015, além de ser a escola da qual faço parte. Infelizmente, devido a pandemia, não foi possível filmar no interior da quadra, mas tendo em vista que, na minha vida como passista, é um dos espaços de maior importância, não poderia deixá-la de lado. Então, optei por filmar na parte externa, focando seu interior.

O Militar: embora, como citado anteriormente, muito antes de os militares chegarem em Santa Maria/RS e produzirem sambas consagrados nacionalmente, dando o pontapé inicial para o seu reconhecimento na cidade, desde os primeiros habitantes já havia a presença de negros que trouxeram consigo elementos culturais afros, porém sem reconhecimento. Assim, é a figura do militar que apareceu na história como responsável pela chegada do samba nesta cidade. Inclusive, nos questionários, os colaboradores indicaram os militares como precursores desse ritmo no município. O que nos faz repensar na discriminação racial e até na tentativa de “embranquecer” essa arte. Então representei o militar na intenção de levantar essa questão, buscando uma reflexão sobre como foi antes da chegada deles.

A Bailarina: a ideia da Bailarina Surgiu da minha vivência com o *ballet* e a história contada por **C4**, que apontou o quanto essa dança foi importante para o desenvolvimento do seu aprendizado no samba. Dessa forma, o *ballet* apareceu na minha pesquisa quando falamos sobre a presença de outras danças na composição do samba. Iniciei na dança com o clássico e sempre procurei usá-lo como base para outras danças. Ao descer do trem com a bota, a bailarina se torna passista e, posteriormente, traz movimentações de braços e pés que, durante a minha trajetória no samba, foram essenciais na postura e nas expressões corporais.

A Passista: representa a mulher sambista, aquela que se empodera com sua dança e busca, incessantemente, construir uma identidade nesse universo. Ela se desloca dançando com os diferentes espaços, inspirada na minha vivência, trazendo ginga e um samba mais leve com a intenção de mostrar os passos fundamentais dessa dança, marcados pelas imagens dos pés, quadril e braços.

O Malandro: representa o verdadeiro símbolo do samba. A partir de 1920, no Rio de Janeiro, o malandro e o samba aparecem como representantes típicos do povo carioca. Procurei transformar o militar em malandro, pois no meu imaginário ele incorpora a figura do malandro nas suas horas de folga. Assim, ele chega fardado, para cumprir suas obrigações profissionais, mas fora do quartel é o típico representante dessa cultura.

Eu: nas passagens em que apareço com roupa amarela e, depois, preta, a ideia é me auto representar. Eu passista, eu bailarina, eu pesquisadora, eu artista, buscando respostas, construindo e reconstruindo minha identidade, em uma cultura que está se transformando, em um processo de luta por reconhecimento e medo de se perder. As cenas representam um misto de angústia e perplexidade diante do cenário atual em Santa Maria/RS.

A produção retrata de forma subjetiva, minha percepção na história do samba em Santa Maria/RS e na minha vida. Inicialmente, apareço na frente da escola olhando para dentro e, em um profundo sentimento nostálgico, relembro o último desfile. Essa passagem é intercalada com imagens da Avenida: eu desfilando e, logo em seguida, o carro alegórico que trazia as imagens dos índios que, hoje, estão abandonados ao relento no pátio da Escola.

O meu caminhar nos trilhos de pés descalços com a bota de passista na mão, refletem a angústia de ver essa cultura se perdendo, como que simbolizando que o samba chegou por aquele lugar, que foi tão importante para cidade e, agora, está

abandonado, depredado, da mesma forma que outros espaços como as escolas de samba e o carnaval de rua estão se perdendo.

As imagens do militar chegando e trazendo na mala sua roupa de malandro, simbolizam que, na verdade, é o malandro o grande protagonista da história.

E a passista, surgindo a partir da bailarina, refere-se a minha vivência na dança, bem como a importância que o *ballet* teve para construção do samba que habita em mim.

A trilha sonora foi escolhida cuidadosamente, de modo que fosse significativa para a composição de cada cena. No início, apenas o canto dos pássaros enquanto olho para escola, intercalado com a cenas de carnaval de rua com o samba enredo do último carnaval (2015). Em seguida, o tradicional apito do trem, marcando a chegada dos militares. A seguir, a bailarina dança ao som do samba Nervos de Aço, de Lupicínio Rodrigues, que foi composto aqui na cidade, passando para uma batucada, enquanto recito a poesia que escrevi. Para finalizar, guardo a bota da passista e caminho nos trilhos simbolizando o fim do carnaval e a falta de reconhecimento do samba, ao som de Felicidade, samba que também foi composto aqui por Lupicínio Rodrigues.

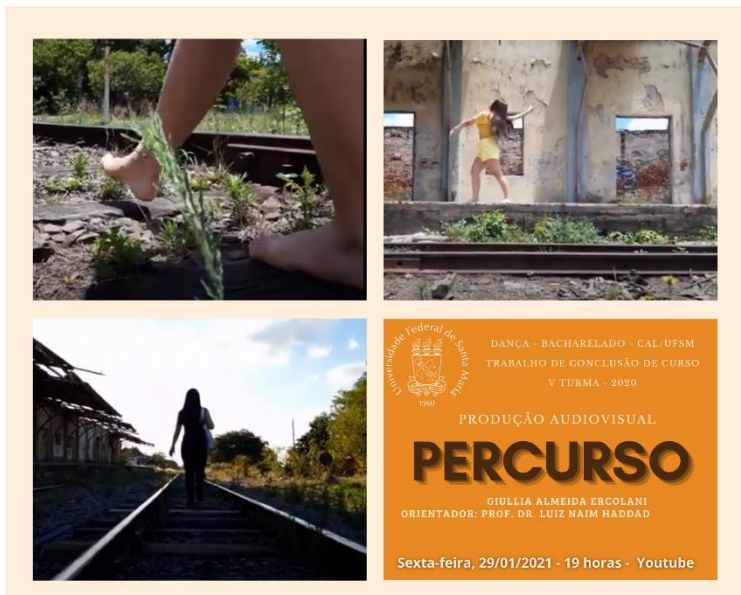
Figura 9 - Audiovisual Percurso



Fonte: Produção audiovisual Percurso (mosaico).

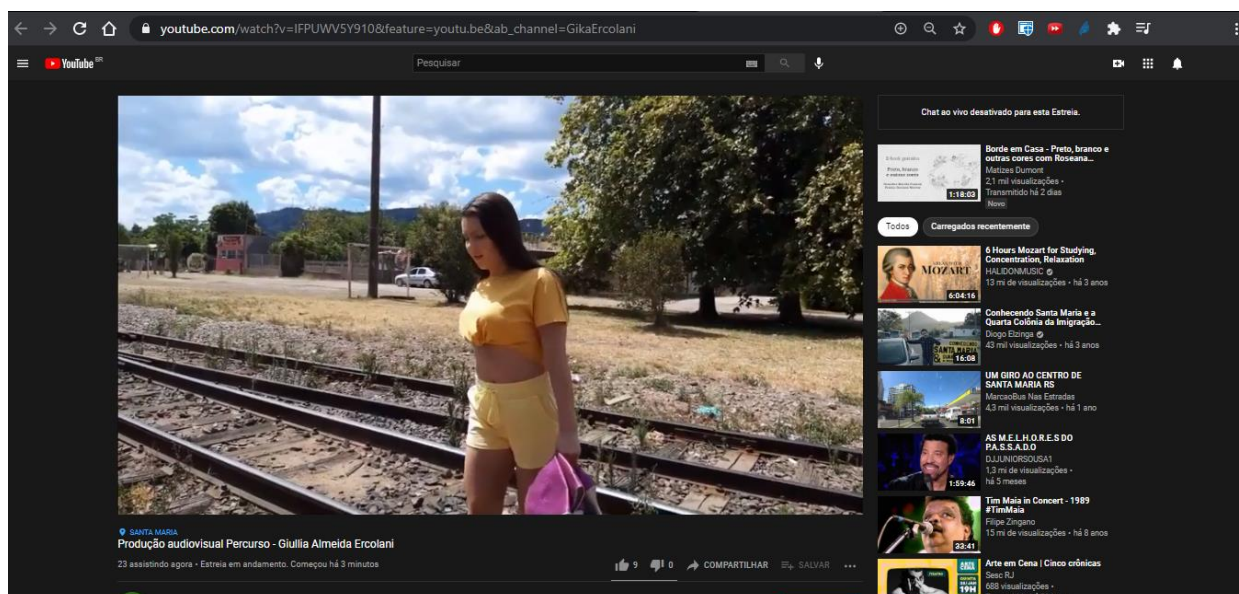
A produção audiovisual estreou no *Youtube*, no dia 29 de janeiro de 2021, conforme divulgação (Figura 10) encaminhada pelas redes sociais. Na estreia, o vídeo (Figura 11) contou com 45 acessos e permanecerá disponível para futuras visualizações.

Figura 10 - Divulgação do audiovisual Percurso



Fonte: Elaborado pela autora no portal https://www.canva.com/pt_br/

Figura 11 - Estreia do audiovisual no *Youtube*



Fonte: <https://youtu.be/IFPUWV5Y910>. Acesso em: 29 jan. 2021.

CONCLUSÃO

Ao finalizar meu trabalho, não posso deixar de registrar certo sentimento de frustração, por não ter conseguido abordar questões que também são de profunda relevância para falar do samba na cidade de Santa Maria/RS, entre elas, gostaria de ter salientado mais o protagonismo negro na construção da arte afro-brasileira. No entanto, penso que esse pode ser um tema para outra pesquisa, dando seguimento a esta que, ao meu ver, está aberta a uma continuação mais aprofundada.

Devido a pandemia da Covid-19, esbarrei em muitas dificuldades para cumprir os objetivos que havia proposto. Não foi possível frequentar biblioteca, nem o Arquivo Histórico de Santa Maria, espaços que seriam essenciais para buscar obras, documentos e textos jornalísticos para fundamentar a pesquisa. Também o fato de não poder entrevistar as pessoas, tendo que optar pela realização de um questionário, o que, a meu ver, torna as perguntas e respostas mais restritas, pois quando temos um contato direto, a conversa vai fluindo naturalmente e sendo enriquecida com questões que surgem. Na produção audiovisual não consegui gravar dentro da escola de samba, gostaria de ter feito algumas cenas na quadra com a presença da bateria.

Mas, apesar de todas as dificuldades, foi um aprendizado, uma experiência única, visto que precisei me reinventar, não só enquanto acadêmica do Curso de Dança – Bacharelado, mas também enquanto artista. Ao repensar a minha atuação como bailarina, intérprete e pesquisadora. Percebi que a mediação de conflitos é intrínseca à vivência do artista.

Dessa forma, à medida que as vivências coletivas da sociedade santamariense, registradas nas obras pesquisadas e nas respostas dos colaboradores do questionário, foram sendo desvendadas, fui reconstruindo a minha identidade individual, em um processo de reinvenção do eu em relação à forma como o samba é visto pelos habitantes de Santa Maria/RS. Considerando que se trata de um elemento que faz parte da nossa cultura nacional e, tendo em vista que a identidade cultural de um povo é algo que vem permeado de fatores subjacentes como lugar, gênero, raça, história, nacionalidade, crença, entre outros, posso afirmar, a partir do estudo realizado, que o samba é um elemento cultural que está internalizado, de alguma forma, na identidade coletiva e individual do povo brasileiro. Sua construção está sempre em movimento e sujeita a mudanças, dependendo do contexto no qual está inserido. Logo, ao analisar a história do samba em Santa Maria/RS e a minha própria

trajetória, verifiquei o quanto aconteceram mudanças e o quanto esse processo está perpassado por características externas, oriundas do contexto no qual estou inserida. É nessa relação cultural entre o indivíduo e o meio que construímos e reconstruímos a identidade cultural coletiva.

Saliento, aqui, que os dados registrados no trabalho estão fundamentados nas pesquisas que realizei em obras de diversos autores, pois pode parecer contraditório relacionar os militares ao samba, principalmente em um país que viveu, durante anos, um regime de ditadura. Mas, como procurei evidenciar no meu texto, creio que, nesse sentido, temos uma questão histórica de negação do protagonismo negro na cultura brasileira, ocasionada por um racismo que, de certa forma, aparece “normalizado” na nossa sociedade e que, nos últimos tempos, parece estar retrocedendo para um cenário ainda mais negativo, marcado por um avanço do conservadorismo, um tempo em que se observa muita injúria racial, um extremo preconceito sendo disseminado por uma parte da sociedade que se julga superior.

O presente estudo, ao mesmo tempo que aborda o que é relatado pelos autores da bibliografia consultada, procura desmitificar falsas ideias criadas socialmente, apontando questões históricas fundamentais, tais como, a forma como alguns historiadores retratam a participação dos negros na Revolução Farroupilha, bem como sua atuação, hoje, no conhecido Movimento Tradicionalista Gaúcho, que tem por objetivo conservar as tradições do povo gaúcho, sem enaltecer os negros que tanto contribuíram para a construção do Estado.

Na história de Santa Maria/RS não é diferente, pois trata-se de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, que se esforça para manter uma cultura engajada no conservadorismo, arraigado no que denominam de tradição gaúcha. Logo, seria pouco provável apontarem os negros como os verdadeiros precursores do samba e do carnaval neste município.

Espero que minha pesquisa seja objeto de reflexão da importância acerca da valorização da arte negra para cultura desse lugar que é conhecido como “Cidade Cultura”. E que o fato dessa pesquisadora e passista “branca”, estar inserida diretamente no meio pesquisado, confira uma credibilidade e um sentimento de necessidade de resgatar as raízes que são negadas. Para defendermos a verdadeira história, mostrando que está implícito nos relatos de livros, temos que primeiro conhecer como ela é contada para, depois, levantarmos os questionamentos

pertinentes para mudá-la. Questionar a história tradicional, conservadora e negacionista faz parte da luta antirracista.

Após essa explanação, reproduzo a afirmação do antropólogo Rodiney William Eugênio, citado por Ribeiro, D. (2019 p. 71):

Apropriação cultural não diz respeito ao que pode ou não ser usado. Não é sobre branco não poder usar turbante, cantar samba ou jogar capoeira. A questão da apropriação cultural é sobre uma estrutura de poder. Há um poder instituído na sociedade desde a colonização que delega aos dominantes o direito de definir quem é inferior nessa estrutura e como se pode dispor de suas produções culturais e até de seus corpos.

Por fim, sublinho que se trata de uma luta que deve ser compreendida e empreendida por todos. Ao abordar o samba em minha pesquisa, estou trazendo uma questão relevante para que o povo negro seja respeitado e, enfim, ocupe o lugar que lhe é devido na sociedade.

REFERÊNCIAS

Aos leitores de A Razão. **Jornal A Razão**, Santa Maria, RS, ano 83, n. 114, 25.26 fev. 2017. Capa, p. 1. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria (AHMSM).

AQUINO, Italo de Souza. **Como escrever artigos científicos**: sem "arrodeio" e sem medo da ABNT. São Paulo: Saraiva, 2010.

ARANGUIZ, Dandara Flores. 157 anos #SantaMariaSomosNós. **Jornal Diário de Santa Maria**. Disponível em: <https://www.clicrbs.com.br/sites/swf/157_anos_de_santa_maria/index.html>. Acesso em: 13 ago. 2020.

BELÉM, João. **História do Município de Santa Maria**: 1797 - 1933. Santa Maria: Edições UFSM, 1989.

BELTRÃO, Romeu. **Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho**: 1787 - 1930. 2. ed. Canoas: La Salle, 1979.

BLOMBERG, Carla. Histórias da música no Brasil e musicologia: uma leitura preliminar. Música e Artes. **Projeto História**, PUC – São Paulo/SP, n. 43. p. 415-444. Dez. 2011. Disponível em: <https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Blomberg-Historias_da_Musica_no_Brasil.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2021.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 2002. 368 p.

BRASIL. **Ministério da Saúde do Brasil**. Medidas não farmacológicas. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/medidas-nao-farmacologicas>>. Acesso em: 24 jan. 2021.

CÂMARA DE VEREADORES DE SANTA MARIA. Lei 3811/1994. Cria a Comissão Permanente de Carnaval e dá outras providências. **Câmara de Vereadores de Santa Maria/RS**. Disponível em: <<https://www.camara-sm.rs.gov.br/camara/proposicao/lei-ordinaria/0/1/0/2156>>. Acesso em: 17 jan. 2021.

Cidade Cultura - **Histórias de Santa Maria**. Produção de Antonio Buere e David Pereira. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria: TV Campus, 21 abr. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hVUbQx41uHw&ab_channel=DiogoElzinga>. Acesso em: 10 jan. 2021.

CORTÊS, Paixão; LESSA, Barbosa. Manual de danças gaúchas. 5. ed. São Paulo: Irmãos Vitale, [1967?].

Cultura. Santa Maria em Dados. Disponível em: <<https://santamariaemdados.com.br/7-cultura/>>. Acesso em 15 dez. 2020.

Deputado apresenta projeto para mudar trecho considerado racista do hino do RS. **Sul21**, Porto Alegre, RS, 12 jan. 2021. Geral. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2021/01/deputado-apresenta-projeto-para-mudar-trecho-considerado-racista-do-hino-do-rs/>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

DIANA, Daniela. **História do Samba**. Artigo revisado em 22/04/2020. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/samba/>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

DUTRA, Maria Rita Py. Rompendo barreiras: a relação entre capital cultural e consciência racial de professoras negras. 2012. 173 p. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6227/DUTRA%2c%20MARIA%20RITA%20PY.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

FALCÃO, D. Manuel Franco. **Enciclopédia Católica Popular**. 08 set. 2004. Disponível em: <http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=507>. Acesso em: 25 jan. 2021.

FERNANDES, Igor Macedo. **O Arquétipo do Malandro: Zé Pelintra como Imagem do Trickster Nacional**. 2005. 50 f. Monografia (Bacharelado em Psicologia). Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.symbolon.com.br/monografias2.htm>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

FLÔRES, João Rodolpho Amaral. **Fragmentos da história ferroviária brasileira e rio-grandense: fontes documentais, principais ferrovias, Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS), Santa Maria, a "Cidade Ferroviária"**. Santa Maria: Pallotti, 2007. 320 p.

FLÔRES, João Rodolpho Amaral. **Os trabalhadores da V.F.R.G.S.: profissão, mutualismo, cooperativismo**. Santa Maria: Pallotti, 2008. 456p. (Estudos Ferroviários; 2).

FLÔRES, João Rodolpho Amaral. **Trens na Memória: num longo tempo, entre trajetórias político-privadas, fatos da História Ferroviária Brasileira e Sul-Rio-Grandense**. Santa Maria/RS: Editora da UFSM, 2017. 320p. : il ; 23 cm.

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. 9. ed. [revista e ampliada]. Porto Alegre: Martins Livreiro - Editora, 2013. 208 p. ; il.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Tiago de Melo. Gente do samba: malandragem e identidade nacional no final da Primeira República. **Topoi** (Rio J.) [online]. 2004, vol.5, n.9, pp.171-198.. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/topoi/v5n9/2237-101X-topoi-5-09-00171.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

GOUVÊA, Viviane. **O rádio no Brasil**. Arquivo Nacional. Portal Estudos do Brasil Republicano. Temas Principais. 02 jul. 2020. Disponível em:

<<http://querepublicaeessa.an.gov.br/temas/233-o-radio-no-brasil.html>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

G. P. R. As origens do Samba. **Folha da Manhã**, São Paulo/SP. Banco de Dados Folha. 06 ago. 1950. Disponível em: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/samba2.htm>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

GRIGIO, Ênio. "**No alvoroço da festa, não havia corrente de ferro que os aprendesse, nem chibata que intimidasse**": a comunidade negra de Santa Maria e sua Irmandade do Rosário. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2018.

GZH. RBS anuncia venda do Diário de Santa Maria. Jornal **GaúchaZH**, 24 nov. 2016. Geral. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2016/11/rbs-anuncia-venda-do-diario-de-santa-maria-8467694.html>>. Acesso em 24 jan. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed., 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama**. Santa Maria, RS. População no último censo [2010]. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-maria/panorama>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. **Samba de Roda do Recôncavo Baiano**. Brasília, DF: Iphan, 2006. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Samba_Roda_Reconcavo_Baiano.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2021.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. **Matrizes do Samba no Rio de Janeiro**: partido-alto, samba de terreiro, samba-enredo. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília, DF: Iphan, 2014. 204 p. : il. color. ; 25 cm. – (Dossiê IPHAN 10). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/DossieSambaWeb.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. **Patrimônio Imaterial**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília, DF. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

JACQUES, João Cezimbra. **Assuntos do Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro: 1997.

LIGIÉRO, Zeca. **Corpo a corpo**: estudo das performances brasileiras. Rio de Janeiro: Garamont, 2011. 372 p.

MACHADO, Sandra. A origem do “malandro carioca”. MultiRio – a mídia educativa da cidade. Artigos e reportagens. Publicado em: 23 ago. 2016. Disponível em:

<<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/10417-a-origem-do-malandro-carioca>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

MARQUES, Sérgio; ZASSO, Bianca. Chega de Saudade. **Società Magazine**, Santa Maria, RS, ano 03, n. 35, fev. 2020.

MATGE, Pâmela Rubin. Samba Nosso. **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, RS, 2 dez. 2016. Atavist. Disponível em: <<https://diariodesantamaria.atavist.com/raizes-samba-em-santa-maria>>. Acesso em 7 de jul. 2020.

MESTRINEL, Francisco de Assis Santana. O samba e o carnaval paulistano. **Histórica** – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, nº 40, fev. 2010. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao40/materia06/texto06.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

MINUSSI, Fabricio. Não vai ter samba na avenida. **Jornal A Razão**, Santa Maria, RS, ano 82, n. 86, 19 jan. 2016. Geral, p. 07. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria (AHMSM).

MONTEIRO, Cristiano Sobroza. **Do quilombo à serra: migração, identidade e alteridade no RS**. Santa Maria/RS: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2015, 228 p. il.

MORALES, Neida Regina Ceccim (Org.). **Santa Maria: memória**. Santa Maria, RS: Pallotti, 2008.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. As influências Afro na música brasileira. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 15., 2013, Natal/RN. **Anais...** Natal/RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371329034_ARQUIVO_ASINF_LUENCIASAFRONAMUSICABRASILEIRA.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2021.

NIGRI, Bruno Silva; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. O samba no contexto do candomblé: festa, mito e sacralidade como experiência de lazer. **LICERE** - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer. v. 18 n. 3 (2015). Setembro. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1140/833>>. Acesso em 20 jul. 2020.

NOGUEIRA, Claudete de Souza. Batuque de umbigada paulista: memória familiar e educação não – formal no âmbito da cultura afro-brasileira. **Tese** (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: [s.n.], 2009. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/251697/1/Nogueira_Claudete_deSouza_D.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2021.

RIBEIRO, Nely. **Jornais Gráficos RS 1827 - 1900: o jornal em Santa Maria 1883 - 1992**. Santa Maria: Imprensa Universitária - UFSM, 1993.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RINALDI, Marcio. Processos e procedimentos na realização da obra audiovisual: o fim é o começo de tudo. **Revista Belas Artes**, São Paulo, n. 4, 2010. Disponível em: <<https://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/4/processos-e-procedimentos-na-realizacao-da-obra-audiovisual.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. Lei Nº 5.213, de 5 de janeiro de 1966. Dispõe sobre a forma e a apresentação dos símbolos do Estado do Rio Grande do Sul e dá outras providências. **Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXT0&Hid_TodasNormas=42569&hTexto=&Hid_IDNorma=42569>. Acesso em 19 jan. 2021.

SANTA MARIA. Lei Nº. 64, de 29 de setembro de 1949. Disciplina a denominação de ruas e logradouros públicos. **Câmara Municipal de Santa Maria / RS**. Disponível em: <<https://www.camara-sm.rs.gov.br/camara/proposicao/lei-ordinaria/0/1/0/5903>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

SANTA MARIA. Lei Nº. 1322, de 15 de julho de 1968. Institui, para Santa Maria, a sigla de Cidade Cultura e dá outras providências. **Câmara Municipal de Santa Maria/RS**. Disponível em: <<https://www.camara-sm.rs.gov.br/camara/proposicao/pesquisa/1968/2/0/4645>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

SANTA MARIA Lei Nº. 1369, 30 de janeiro de 1969. Denomina "General Osório" uma praça da cidade. **Câmara Municipal de Santa Maria/RS**. Disponível em: <<https://www.camara-sm.rs.gov.br/camara/proposicao/lei-ordinaria/0/1/0/4598>>. Acesso em: 17 jan. 2021.

SANTA MARIA. Lei Nº. 2144, de 30 de dezembro de 1980. Denomina Largo da Estação Irmão Estanislau a área fronteiriça à Estação da Viação Férrea de Santa Maria. **Câmara Municipal de Santa Maria/RS**. Disponível em: <<https://www.camara-sm.rs.gov.br/camara/proposicao/lei-ordinaria/0/1/0/3823>>. Acesso em: 17 jan. 2021.

SANTA MARIA. Lei Nº. 3665, de 02 de julho de 1993. Dispõe sobre a Política de Desenvolvimento Urbano do Município de Santa Maria. Institui o Plano de Expansão e Desenvolvimento de Santa Maria e dá outras providências. **Câmara Municipal de Santa Maria/RS**. Disponível em: <<https://www.camara-sm.rs.gov.br/camara/proposicao/pesquisa/1993/1/0/2302>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

SANTA MARIA. Lei N.º 4827, de 20 de maio de 2005. Dispõe sobre a denominação de ruas conhecidas popularmente no município de Santa Maria. **Câmara Municipal de Santa Maria/RS**. Disponível em: <<https://www.camara-sm.rs.gov.br/camara/proposicao/lei-ordinaria/0/1/0/1140>>. Acesso em: 17 jan. 2021.

Santa Maria e o Exército. Comando Militar do Sul. 3ª Divisão de Exército. Divisão Encouraçada. Disponível em: <<http://www.3de.eb.mil.br/index.php/todas-as-noticias/1533-santa-maria-e-o-exercito>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

SCHUWUCHOW, Suzana (Org.). **Compêndio Técnico Ilustrado de danças gaúchas de salão**. 2. ed. [revista e ampliada]. Porto Alegre: Movimento Tradicionalista Gaúcho - MTG, 2008.

Significado da Cultura afro-brasileira. **Significados**, 2021 [atualizado em: 14/01/2021]. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/cultura-afro-brasileira#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20a%20Cultura,pa%C3%ADs%20durant e%20o%20per%C3%ADodo%20colonial.>>>. Acesso em: 17 jan. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM. **Manual de dissertações e teses**: estrutura e apresentação. Santa Maria/RS: Editora da UFSM, 2015. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/362/2019/01/Manual_de_Dissertacoes_e_Teses-2015-3.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

APENDICE A – PROJETO “GRUPO SAMBA DA MINHA TERRA

95739



Estado do Rio Grande do Sul
Município de Santa Maria

PROJETO “GRUPO SAMBA DA MINHA TERRA”

Coordenação:
Gládis Lima
Mirela Alves Almeida

Autora: Giullia Almeida Ercolani

Novembro, 2011

REGISTRADO PARA EFEITO DE
CONSERVAÇÃO E AUTENTICA-
ÇÃO DE DATA (inc. VII, art. 127,
Lei 6015 de 31/12/1973.)

Mirela Alves Almeida

95739



DECLARAÇÃO

MIRELA ALVES ALMEIDA, brasileira, Professora, Carteira de Identidade Nº 6054095564, residente e domiciliada na Avenida Rio Branco, 175/01, Santa Maria – RS, telefone 55 3219 5024 e **GIULLIA ALMEIDA ERCOLANI**, brasileira, Estudante, Carteira de identidade Nº 2121711432, residente e domiciliada na Avenida Rio Branco, 175/01, Santa Maria/RS, fone 55 3219 5024, declaram que o Projeto “**Grupo Samba da Minha Terra**” cujas informações básicas estão resumidas abaixo é de autoria de Giullia Almeida Ercolani, o qual foi sistematizado e é coordenado pelas Senhoras Mirela Alves Almeida e Gládis Lima:

PROJETO “GRUPO SAMBA DA MINHA TERRA”

O Projeto supracitado tem por objetivo básico integrar meninas que gostam de samba e que têm vontade de se dedicar a essa atividade.

Trata-se de um grupo de dança denominado “Samba da Minha Terra” cujas atividades iniciaram-se no dia 12 de dezembro de 2011, nas dependências da Escola de Samba Unidos do Itaimbé, em Santa Maria – RS. Apesar de as atividades do Grupo serem desenvolvidas nessa Escola de Samba, o Projeto é independente e de responsabilidade das Coordenadoras e da Autora, sendo que a mudança de sede poderá se dar em virtude do interesse do Grupo.

É importante salientar que as atividades desenvolvidas não correspondem a aulas de samba, mas buscam promover momentos de convivência, cooperação e recreação como forma de socialização entre meninas de diferentes faixas etárias.

Tendo em vista que o Grupo já está em andamento há 10 meses, acredita-se que a formalização oficial dessa proposta se faz necessária.

Sem mais.



Mirela Alves Almeida

Giullia Almeida Ercolani
RG: 2121711432

Mirela Alves Almeida

Mirela Alves Almeida
RG: 6054095564



REGISTRADO PARA EFEITO DE CONSERVAÇÃO E AUTENTICAÇÃO DE DATA (inc. VII, art. 127, Lei 6015 de 31/12/1973.)

95739



1. TÍTULO

Grupo Samba da Minha Terra.

2. APRESENTAÇÃO

Esta proposta foi idealizada por Giullia Almeida Ercolani com intuito de propiciar um espaço de interação, descontração e diversão através da participação de meninas convidadas pela coordenação do Projeto, que apresentem interesse e predisposição para o samba, pois como diz o verso:

*"Quem não gosta de samba,
Bom sujeito não é,
Ou é ruim da cabeça,
Ou doente do pé.*

Dorival Caymmi "Samba da Minha Terra"

3. OBJETIVO GERAL

Integrar meninas que gostam de dançar samba e que tem vontade de se dedicar a essa atividade.

3.1 Objetivos Específicos

- Organizar encontros semanais, a fim de desenvolver atividades relativas ao samba;
- Permitir a troca de experiências relativas à dança, em especial ao samba;
- Promover a socialização das meninas, através de uma convivência saudável, fortalecendo, assim, as bases da amizade e da cooperação, através do samba;
- Possibilitar a valorização da cultura brasileira, concernente ao samba;

REGISTRADO PARA EFEITO DE
CONSERVAÇÃO E AUTENTICA-
ÇÃO DE DATA (inc. VII, art. 127,
Lei 6015 de 31/12/1973.)

Marysueli

95739



- Criar um ambiente divertido e lúdico para a convivência das meninas, permitindo a promoção da autoestima, desinibição e desenvoltura.

4. JUSTIFICATIVA

Tendo em vista a diversidade de atributos conferidos à dança, tais como: diversão, ritual, exercício físico, resgate da autoestima, profissão, entre outros, o presente Projeto visa, através da dança, em especial do samba, promover momentos de recreação, como forma de socialização, entre meninas de diferentes faixas etárias, que apresentem interesse em participar das atividades propostas.

Dessa forma, a prioridade será direcionada para o desenvolvimento lúdico que o samba pode proporcionar, possibilitando, assim, benefícios voltados à autoestima, desinibição, desenvoltura, convivência harmoniosa em grupo, entre outros.

5. METODOLOGIA

As atividades a serem desenvolvidas não correspondem a aulas de samba, nem tampouco a treinamentos ou capacitação de profissionais e demais interessados. Dessa forma, dispensa a necessidade de professores para executar as ações propostas.

Ademais, seguem as diretrizes que nortearão o desenvolvimento das atividades:

- A participação no Projeto se dará através de convite formal, encaminhado exclusivamente pela coordenação do Projeto, às meninas que apresentem interesse e predisposição para o samba.
- As vagas são limitadas, em função das dimensões de espaço físico disponíveis para o desenvolvimento das atividades propostas;
- Os encontros ocorrerão semanalmente, preferencialmente, nas segundas-feiras;

REGISTRADO PARA EFEITO DE
CONSERVAÇÃO E AUTENTICA-
ÇÃO DE DATA (inc. VII, art. 127,
Lei 6015 de 31/12/1973)

Mary Rê

95739



- As meninas que faltarem 4 (quatro) vezes seguidas, durante um mês, sem justificativa, serão automaticamente desligadas do projeto, permitindo que outras meninas participem das atividades;
- Serão discutidos temas relativos ao samba, tais como origem, evolução, modalidades, etc.;
- Serão desenvolvidas atividades lúdicas, através de dinâmicas de grupo, a fim de promover a integração das meninas e da coordenação do Projeto;
- As meninas também formarão rodas de samba, considerando os sambas de enredo de projeção nacional, regional e local.

6. INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

Durante os encontros semanais, serão anotadas todas as críticas e sugestões oriundas das meninas integrantes do projeto, seus respectivos pais, coordenadores, a fim de verificar se os objetivos propostos estão sendo atingidos, bem como para aperfeiçoar o desenvolvimento dessa significativa ação social.

Ferramentas virtuais, tais como *blog* e Redes Sociais (*Facebook*, por exemplo) também serão utilizados como instrumentos de avaliação do projeto, considerando os depoimentos e acessos devidamente registrados.

7. LOGOMARCA



A Logomarca do Projeto "Grupo Samba da Minha Terra" foi criada pelo colaborador, Filipe Schaurich, atendendo às solicitações das meninas do Grupo, porquanto havia a necessidade de promover e consolidar a marca do Projeto, tornando-o visível e reconhecido frente à comunidade de Santa Maria.

REGISTRADO PARA EFEITO DE
CONSERVAÇÃO E AUTENTICAÇÃO
DE DATA (inc. VII, art. 127,
Lei 6015 de 31/12/1973.)

Filipe Schaurich

95739



8. CONCLUSÃO

Este projeto tem como autora Giullia Almeida Ercolani, tendo sido elaborado a partir de suas experiências em concursos e eventos carnavalescos, nos quais conquistou vários títulos, tais como: Musa do Samba Infantil de Santa Maria 2008, Rainha Infantil do Carnaval do Avenida Tênis Clube 2009, Rainha Infantil das Entidades Sociais de Santa Maria 2009, Soberana Infantil do Carnaval do Rio Grande do Sul 2010, Rainha Infantil do Carnaval do Sport Clube Internacional de Santa Maria 2011, Rainha Infantil do Carnaval de Santa Maria 2011; Rainha Infantil do Carnaval do Rio Grande do Sul 2011.

As atividades serão desenvolvidas na Escola de Samba Unidos do Itaimbé, podendo haver mudança de local, conforme o interesse do grupo.

Acreditando que a dança é um agente transformador da sociedade e que o samba representa a essência do povo brasileiro, elaborou-se essa proposta com o intuito de promover a valorização da nossa cultura, bem como a diversão, integração, cooperação e parceria das meninas.

Two blue star-shaped stamps with the text "1º TABELIONATO" pointing to two handwritten signatures of Mirella Alves Almeida.



REGISTRADO PARA EFEITO DE CONSERVAÇÃO E AUTENTICAÇÃO DE DATA (inc. VII, art. 427, Lei 6015 de 31/12/1973.)

Handwritten signature of Mirella Alves Almeida.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE DANÇA – BACHARELADO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC
2º SEMESTRE DE 2020
QUESTIONÁRIO

ACADÊMICA

Giullia Almeida Ercolani

ORIENTADOR

Prof. Dr. Luiz Naim Haddad

TÍTULO DO TRABALHO

IDENTIDADE MOVEDIÇA: OS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE CULTURA

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa tem como propósito conhecer e descrever a trajetória do samba em Santa Maria, cidade do interior do Estado do Rio Grande do Sul, que apresenta uma enorme diversidade cultural, o que lhe rendeu o título de “Cidade Cultura”. E, a partir do material coletado, compreender a minha participação como sujeito inserido nessa cultura.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO/A ENTREVISTADO/A

1. Nome:
2. Idade:
3. Profissão atual:
4. Trajetória profissional:

AUTORIZAÇÕES

1. Você autoriza utilizar seu nome no trabalho? () Sim () Não
2. Caso não autorize, você gostaria de indicar um nome fictício?

QUESTÕES

1. Você conhece a história do samba em Santa Maria?
 - 1.1. Como ele chegou aqui?
 - 1.2 Como ele se difundiu no município?
2. Você participa de alguma associação voltada à prática do samba?
3. Fale sobre a sua vivência em eventos relacionados ao samba em Santa Maria?
4. Na sua opinião, como o samba se agrega no contexto sociocultural de Santa Maria?
5. Pensando na realidade de Santa Maria, em relação às cidades que são consideradas berço do samba no Brasil, principalmente Rio de Janeiro, você acha que existem variações significativas no samba apresentado por passistas e demais integrantes de escolas de samba?
6. O samba foi criado no Brasil e, hoje, é considerado uma das danças de maior destaque e reconhecimento para a cultura brasileira. Trazido pelos escravos africanos, originou-se na Bahia e Rio de Janeiro, estando, inicialmente, associado a elementos religiosos nos quais os rituais ocorriam através da música e da dança e, posteriormente, foram miscigenados a ritmos europeus. Considerando essa afirmação, você acha que a habilidade de dançar samba está relacionada à raça? Se sim, qual?
7. A história do samba em Santa Maria vem se desenvolvendo em diferentes espaços sociais e culturais, principalmente em escolas de samba, clubes sociais, desfiles e concursos de carnaval. Você consegue perceber variações nos passos de samba, considerando os diferentes locais onde ele é dançado?
8. O que você pensa sobre a inserção de passos de outras danças na execução do samba?
9. Em Santa Maria, pode-se dizer que o samba ocupa um lugar de destaque na sociedade? Por quê?
10. O samba é a dança de referência do carnaval. Em uma cidade como Santa Maria, que há 5 anos abandonou esta festa popular, pode-se dizer que o samba faz parte da identidade cultural do município?
11. Em 1968, através da Lei Municipal N. 1322/68, Santa Maria recebeu a denominação de Cidade Cultura. Analisando o atual panorama sociocultural deste município, você acha que Santa Maria ainda merece esse título?
12. Você tem como indicar outras personalidades que poderiam contribuir com esta pesquisa?
13. Há mais informações que você queira registrar sobre o samba em Santa Maria?

Muito obrigado por sua colaboração!

APÊNDICE C – POEMA “PERCURSO”

Percurso

Pelo caminho de ferro,
Chegou transcendendo barreiras
Entre o permitido e o refutado
Para forjar sua batalha
E conquistar seu espaço...

Desembarcou na Estação
E, com sua cadência,
Traçou uma história.
Entre militares, malandros e passistas
Enfrentou atropelos
E preconceitos...

Eu, menina bailarina, sonhei ser passista.
No batuque do pandeiro,
Vi o malandro esbanjar alegria
E pensei: "Samba é poesia!"
Mas a vida me mostrou
Que sua poesia está na luta que ainda não acabou...

Hoje, mulher passista,
Sinto que o samba liberta meu corpo e minha alma...
Eu vivo o samba,
Em cada movimento,
Como um pássaro que voa sem querer pousar...
Ora frágil, ora inatingível...

O samba segue trilhando seu rumo,
Muitas vezes agoniza, quase morre...
Mas, no compasso do gingado, renasce...
E recomeça o combate...

Em meu afã,
Sinto-me como o samba:
Sem limites...
Sou essência...
Sou verdade...
Brilho no rosto,
Ginga no corpo,
Sou resgate...

Giullia Almeida Ercolani (janeiro de 2021).

ANEXO A – RESPOSTAS DO COLABORADOR 1 (C1)

1. Você conhece a história do samba em Santa Maria?

Não sou um especialista no assunto, mas creio que os clubes sociais que antigamente abrigavam apenas negros em seus quadros sociais, cito dois, 13 de Maio e União Familiar, tenham uma boa parcela de memórias nesta história.

1.1. Como ele chegou aqui? Não tenho conhecimento

1.2 Como ele se difundiu no município? Não tenho conhecimento.

2. Você participa de alguma associação voltada à prática do samba?

Tenho colaborado com a Associação das escolas de samba, embora não ocupe nenhum cargo efetivo. Além disso, já fui diretor de escola de samba, fiz parte de comissão de carnaval e atualmente promovo um concurso de nível estadual, voltado à dança em questão.

3. Fale sobre a sua vivência em eventos relacionados ao samba em Santa Maria?

Tenho vivido o carnaval desde os 12 anos, quando minha irmã foi rainha de um clube e eu fui de sua corte. Posso dizer que acompanho o carnaval da cidade há 43 anos. Já vivi seu auge e vejo agora sua decadência. Ultimamente, raros são os eventos que promovem o samba na cidade. O próprio carnaval promovido pelas entidades sociais não tem o samba como fim. Há uma diversidade de ritmos, predominando os do Nordeste. Quando havia, prestigiava os ensaios e os desfiles das escolas, além de frequentar rodas de samba, bailes de carnaval e concursos de dança, como o Rainha do Carnaval.

4. Na sua opinião, como o samba se agrega no contexto sociocultural de Santa Maria?

O samba em si, como música, creio que não agrega muito, haja vista não termos uma tradição em bares aqui na cidade, diferentemente de Pelotas onde há vários bares tradicionais de samba há muitas décadas. Nem as rádios dão destaque ao samba. Entretanto, como organização cultural que circula ao redor de comunidades que se dedicam a escolas de samba, agrega muito. Para um desfile ocorrer, há muitas pessoas envolvidas e muito dinheiro circula.

5. Pensando na realidade de Santa Maria, em relação às cidades que são consideradas berço do samba no Brasil, principalmente Rio de Janeiro, você acha que existem variações significativas no samba apresentado por passistas e demais integrantes de escolas de samba?

Creio que seja o ritmo que determine o tipo de passo e há diferença nas batidas de baterias de região para região. Também, a vivência desde a infância faz com que o samba flua naturalmente onde o samba não tem concorrência com outros ritmos. Percebo que por aqui, no Sul, as meninas “aprendem” a sambar, não trazem consigo a dança. Isso também se deve ao clima daqui, pois há poucas atividades nas quadras nas épocas do ano mais frias, diferentemente de outras regiões do país onde faz calor o ano inteiro. Também, nas escolas do estado, nas séries iniciais, predomina o incentivo às danças gaúchas.

6. O samba foi criado no Brasil e, hoje, é considerado uma das danças de maior destaque e reconhecimento para a cultura brasileira. Trazido pelos escravos africanos, originou-se na Bahia e Rio de Janeiro, estando, inicialmente,

associado a elementos religiosos nos quais os rituais ocorriam através da música e da dança e, posteriormente, foram miscigenados a ritmos europeus. Considerando essa afirmação, você acha que a habilidade de dançar samba está relacionada à raça? Se sim, qual?

Não creio que o samba esteja associado a raças, embora haja uma associação quase que imediata entre “samba e mulata”. Na verdade, as escolas de samba, normalmente se localizam em comunidades mais afastadas do centro das cidades, onde a população de negros é maior, pelos motivos sociais que tão bem conhecemos. É claro que não há como negar que cada povo (e não raça) procura cultuar suas origens, assim como portugueses, alemães e italianos também o fazem. Por isso penso que o samba é um patrimônio do povo brasileiro e não de uma raça específica, até porque há diversos países de população predominantemente negra, onde o samba não é cultuado.

7. A história do samba em Santa Maria vem se desenvolvendo em diferentes espaços sociais e culturais, principalmente em escolas de samba, clubes sociais, desfiles e concursos de carnaval. Você consegue perceber variações nos passos de samba, considerando os diferentes locais onde ele é dançado?

Em primeiro lugar, creio que o verbo “vem”, na pergunta, deveria ser trocado por “vinha”, já que esses citados praticamente não existem mais. Mesmo assim, consigo sim. Como promotor do concurso Rainha do Carnaval do RS, percebo essas diferenças, já que participam meninas de praticamente todas as regiões do estado. Claro que não são variações gritantes, pois samba é samba. Um exemplo: não tenho visto a famosa “baixada” em representantes das outras regiões. Nas candidatas daqui, isso é recorrente.

8. O que você pensa sobre a inserção de passos de outras danças na execução do samba?

Depende da finalidade dessa execução. Há situações em que o samba “raiz” deve se manter fiel. Acho estranha uma apresentação de samba que acabe em um “espacate”, por exemplo. Porém, nunca vi a arte como algo fechado, pronto, acabado. Acho que o bom senso pode definir em que medida tais passos se aproximam ou se distanciam mais dos passos tradicionais do samba.

9. Em Santa Maria, pode-se dizer que o samba ocupa um lugar de destaque na sociedade? Por quê?

Infelizmente, não. Por aqui, o samba ainda é visto por muita gente como coisa de “pretos”, como já tive o desprazer de ouvir, embora depois de tudo pronto, esses mesmos que criticam são os primeiros a buscar um bom lugar na avenida para assistirem os desfiles. Não há apoio do poder público e nem da iniciativa privada. Se há, é muito pouco, insuficiente para a realização do evento.

10. O samba é a dança de referência do carnaval. Em uma cidade como Santa Maria, que há 5 anos abandonou esta festa popular, pode-se dizer que o samba faz parte da identidade cultural do município?

Com certeza não. A mídia e os empresários daqui se identificam com a música nativista.

11. Em 1968, através da Lei Municipal N. 1322/68, Santa Maria recebeu a denominação de Cidade Cultura. Analisando o atual panorama sociocultural deste município, você acha que Santa Maria ainda merece esse título?

Não, não merece mais. Para quem como eu, vive nesta cidade há mais de 50 anos, é visto o retrocesso que a cultura sofreu. Embora já tivéssemos decadentes, o incêndio da boate Kiss foi um divisor de águas. A cultura na cidade se resume a poucos eventos, mais por determinação de seus promotores que raramente contam com o apoio do poder público. Para uma cidade do nosso porte, é muito pouco uma Feira do livro e um festival nativista.

12. Você tem como indicar outras personalidades que poderiam contribuir com esta pesquisa?

Todos que tenham ligação “afetiva” com as escolas de samba sobreviventes aqui da cidade. Creio que essas pessoas são as únicas que efetivamente podem contribuir com esta pesquisa. Fora eles, creio que todos caíam no lado “comercial” do samba.

13. Há mais informações que você queira registrar sobre o samba em Santa Maria?

Acho que era isso. Feliz em poder colaborar com pesquisa de tema tão relevante para boa parcela de nossa população.

ANEXO B – RESPOSTAS DO COLABORADOR 2 (C2)

1. Você conhece a história do samba em Santa Maria?

1.1. Como ele chegou aqui?

1.2 Como ele se difundiu no município?

Ao que tudo indica, a história do samba em Santa Maria começa com a vinda dos militares oriundos do estado do Rio de Janeiro, e gosto pelo estilo musical foi trazido para a cidade e conseqüentemente iniciou os grupos/bandas musicais e até mesmo as escolas de samba, onde surge a Associação Artística e Cultural Vila Brasil em 15 de novembro de 1959, fundada pelo sargento Agenor do Amaral.

2. Você participa de alguma associação voltada à prática do samba?

Sim, fui criado (desde meu nascimento) no carnaval de rua da cidade, integrando a Escola de Samba A.A.C Vila Brasil, entidade que foi presidida por minha mãe, Vera Lúcia Marques da Silva (*in memoriam*), no período de 2000 – 2006 e hoje (2020) é presidida por meu pai, Sérgio Roberto da Silva

3. Fale sobre a sua vivência em eventos relacionados ao samba em Santa Maria?

Como citei na pergunta 2, nasci na comunidade do carnaval, meus pais desde a adolescência frequentavam a antiga Sociedade Treze de Maio, o clube social negro da cidade de Santa Maria, o qual foi berço para o surgimento de tantas outras agremiações. Minha infância e juventude também foi marcada por acompanhar a família na Escola de Samba Vila Brasil, a primeira escola de samba da cidade, onde por muitos anos meus pais ocuparam cargos diretivos, inclusive de Presidente e também nos Clubes Sociais, onde inclusive, eu fiz parte das diretorias jovens, mais específico do Clube de Atiradores Santamariense em que contribuía na organização do carnaval da entidade. Se pensarmos de maneira ampla, ainda posso citar as casas de samba que Santa Maria teve, como o Maresias, Confraria, hoje o Boteco do Maré e eventos promovidos na cidade como o Sambalanço.

4. Na sua opinião, como o samba se agrega no contexto sociocultural de Santa Maria?

O samba é um instrumento imaterial que contribui com o município, tendo em vista que é um elemento agregador que reúne a pluralidade humana sem distinção de cores, raças, gêneros e classes sociais. Os eventos que envolvem o samba também são responsáveis por agregar no contexto sociocultural, principalmente das comunidades em que estão inseridos e cultivados. Quando bem trabalhado, é capaz de contribuir no combate às drogas pelos projetos sociais ou no desenvolvimento financeiro, através do turismo, na geração de emprego e renda, seja pelas entidades carnavalescas ou os grupos/bandas.

5. Pensando na realidade de Santa Maria, em relação às cidades que são consideradas berço do samba no Brasil, principalmente Rio de Janeiro, você acha que existem variações significativas no samba apresentado por passistas e demais integrantes de escolas de samba?

Acredito que existe adaptações do samba de acordo com a realidade local e até mesmo de molejo/gingado do passista.

6. O samba foi criado no Brasil e, hoje, é considerado uma das danças de maior destaque e reconhecimento para a cultura brasileira. Trazido pelos escravos africanos, originou-se na Bahia e Rio de Janeiro, estando, inicialmente, associado a elementos religiosos nos quais os rituais ocorriam através da música e da dança e, posteriormente, foram miscigenados a ritmos europeus. Considerando essa afirmação, você acha que a habilidade de dançar samba está relacionada à raça? Se sim, qual?

Penso que o samba é algo que se parece muito com o nosso país, ele é plural, pode ser dançado de acordo com as especificidades de cada indivíduo. Acredito que a questão racial favorece na execução dos passos, fazendo com que a dança fique mais harmoniosa. Digo questão racial pelo contexto em que o samba foi criado, dando prioridade para a raça negra/preta tenha um favorecimento nessa dança.

7. A história do samba em Santa Maria vem se desenvolvendo em diferentes espaços sociais e culturais, principalmente em escolas de samba, clubes sociais, desfiles e concursos de carnaval. Você consegue perceber variações nos passos de samba, considerando os diferentes locais onde ele é dançado?

Sim, pois no meu entendimento, para dançar samba é preciso ter muito empatia com a questão sonora e coordenação de quadril, pés e mãos. Isso numa escola de samba é vivência, em outros locais não, pois ali se vê a execução, se vê os instrumentistas tocando e também aprendendo.

8. O que você pensa sobre a inserção de passos de outras danças na execução do samba?

Vejo como uma técnica de embelezamento da dança, assim como o samba surge dessa de uma mistura de sons baianos, cariocas e das religiões de matrizes africanas, o seu “dançar” não vejo ser diferente.

9. Em Santa Maria, pode-se dizer que o samba ocupa um lugar de destaque na sociedade? Por quê?

Acredito que em Santa Maria o samba já ocupou um lugar de destaque, talvez ele seja um ritmo que atemporal e cultivado por gerações, mas lugar de destaque na sociedade não mais.

10. O samba é a dança de referência do carnaval. Em uma cidade como Santa Maria, que há 5 anos abandonou esta festa popular, pode-se dizer que o samba faz parte da identidade cultural do município?

Vejo que o samba faz parte da identidade cultural de alguns santa-marienses, mas do município em si não. Nossa cidade tem o rótulo de cidade cultura, mas que, infelizmente, se tratando de cultura popular se vê um descaso com o segmento e pelo conservadorismo da cultura gaúcha, ainda temos o predomínio da mesma.

11. Em 1968, através da Lei Municipal N. 1322/68, Santa Maria recebeu a denominação de Cidade Cultura. Analisando o atual panorama sociocultural deste município, você acha que Santa Maria ainda merece esse título?

O título justamente foi concedido pela quantidade de instituições de ensino e a cidade receber as diferentes identidades culturais carregadas pelos estudantes oriundos das várias partes do país e do mundo. Entendo que dessa forma o título ainda é pertinente, do contrário, ficamos na dependência dos gestores culturais da cidade que trabalhem com as mais variadas formas e expressões que a cultura se manifesta.

12. Você tem como indicar outras personalidades que poderiam contribuir com esta pesquisa?

-Lidiane ou João, proprietários do Boteco do Maré - casa de samba na cidade -
[número do telefone suprimido por questões éticas].

-Karen Tolentino – Doutoranda em dança, assistente, rainha de carnaval, coreógrafa –
[número do telefone suprimido por questões éticas].

-

13. Há mais informações que você queira registrar sobre o samba em Santa Maria?

-

ANEXO C – RESPOSTAS DO COLABORADOR 3 (C3)

1. O que sei sobre a história do Samba em Santa Maria, foi através de um programa de rádio, que era transmitido pela Rádio Imembuí, Gente do Samba e do Choro. Muitas vezes era feito no auditório, com presença de convidados. Segundo o apresentador Paulo Corrêa, o samba foi trazido por militares que para cá eram destacados, vindos do Rio de Janeiro.

1.2 - O Samba se difundiu através do clube Treze de Maio, União Familiar e Vila Brasil, primeira Escola de Samba da Cidade.

2 - Sim. Participo da Escola de Samba Unidos do Itaimbé.

3 - A minha vivência com o Samba se deu em 2001, quando fui convidada a fazer parte da Comissão Organizadora do Carnaval da Cidade.

Em 2002 fiquei responsável pela Corte Municipal do Carnaval, indo com essa incumbência até 2006. Durante esse período participei como jurada em vários concursos de rainhas de carnaval, nos clubes e nas escolas de samba.

Em 2007 a 2009, fiz parte da diretoria do Clube Esportivo, onde também o carnaval era organizado por nós. Em 2010 a 2013, participei da diretoria do Clube Santamariense. Fui jurada de músicas carnavalescas, promovido pelo Jornal A Razão.

4 - O Samba está totalmente inserido dentro do contexto sociocultural de Santa Maria. Muitos trabalhos, gerando renda, acontecem durante o carnaval. Sem contar a autoestima da comunidade carnavalesca, nas apresentações e desfiles.

5 - Acho que sim. As passistas do Rio, convivem mais diretamente com o carnaval. Lá o samba não para, elas ensaiam mais.

6 - Com certeza, uma boa herança da África.

7 - Sim, eu percebo a diferença dos passos. Em desfiles a passista não consegue mostrar tudo o que sabe, porque ela está andando. Em concurso ela mostra mais a coreografia. Mas é na quadra, frente na bateria, que a magia acontece!

8 - Se passos de outras vão enriquecer o samba, não vejo problema algum.

9 - Sim. Ocupa lugar destaque. Temos bons grupos de samba. Vou citar um que é referência por ser samba de raiz, que é o Clube do Samba fundado pelo Pedro Ribas, cantor e compositor, apaixonado por esse estilo musical. Temos vários locais na cidade onde grupos se apresentam. E as escolas de samba tem suas Alas Shows, que se apresentam em diversos eventos, aniversários, casamentos, formaturas.

10 - Ainda que exista descaso do Poder Público com a nossa festa popular, temos carnavalescos lutando para que o samba não morra. Duas escolas de samba daqui, continuam fazendo promoções para se manterem.

No Carnaval de 2020, a Mocidade Independente das Dores, realizou bailes em sua quadra e desfilou na cidade de Cruz Alta, representando Santa Maria. A escola Vila Brasil, mantém oficinas de percussão e samba.

11 - Sou otimista em relação a essa pergunta, o carnaval de rua não tem a 5 anos, é fato, mas dois clubes da cidade que também não realizavam carnaval durante esse tempo, voltaram com as festas momescas, inclusive com bailes infantis. Cito os clubes Esportivo e Clube Santamariense. Vamos apostar em uma nova administração, que tenha preocupação em não perder o título de Cidade Cultura.

ANEXO D – RESPOSTAS DO COLABORADOR 4 (C4)

Transcrição de áudio:

Eu queria te responder em relação a pergunta número 8, sobre colocar outras danças dentro do samba. Eu já passei por essa experiência há muitos anos atrás, quando eu fui Rainha. O Clube não tinha uma pessoa para ensinar como tem hoje. Hoje, nos clubes, tem pessoas que já passaram por uma experiência de samba, ganharam e ensinam outras meninas. No meu caso, na minha época não tinha. Tu participava de Concurso, sabia rebolar, sabia lidar com as mãos e tu ganhava.

Mas o presidente exigia mais da gente, mais de mim e da pequena, no caso. Então, foi uma experiência muito louca, porque o concurso, na minha época foi em junho ou julho, porque, passado o carnaval, já faziam concurso para rainha do outro ano e como eu não tinha uma postura como rainha e o presidente era muito exigente, na época tinha o Arabutan Lima, que era professor de ballet e ele dava aula no Clube Comercial e eu comecei a participar.

No começo, eu disse para o presidente que não sabia dançar ballet e que não tinha nada a ver com o samba, mas, mesmo assim, ele disse que eu iria. Então, fui lá, mas quase não consegui, porque os pés tinham que ficar de uma maneira e eu, mesmo com a sapatilha, não conseguia. Fugia totalmente do meu samba, pra de repente parar em uma aula de ballet. Fiz agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro, 5 meses de ballet. Chegou em janeiro eu disse para o presidente que não iria mais nas aulas, porque não faz parte, no fim, todo esse tempo eu fiquei dançando ballet e não sambando. Aí ele falou para o Arabutan Lima, porque quando eu cheguei para fazer aula de ballet, em janeiro, o professor mandou todas as meninas sentarem no chão e falou bem assim para mim: “Agora Ju, eu vou colocar um samba e tu vai colocar tudo que tu aprendeu. É como se tivesse dançando ballet. Tu vai transformar isso num samba. Faça isso.” E eu fiz. Ele só tirou algumas coisinhas, disse o que eu deveria e o que eu não deveria fazer e deu. Menina do céu, tu fica impressionada de ver como ele foi um professor excelente porque postura dos ombros, aonde tem que colocar os braços em cada movimento, não dançar de perna aberta. Assim, é incrível, incrível, incrível e, assim, o ballet trouxe uma coisa tão boa, tão boa que tu nunca mais esquece, eu nunca mais esqueci aquelas aulas, nunca mais desaprendi a sambar, porque tem pessoas que dizem assim: “ah, eu não sei mais sambar”, mas nunca eu desaprendi o que aprendi com ele. Ele foi muito importante e eu imaginava que não, então, o Arabutan Lima foi uma pessoa muito importante. Ele não me ensinou a sambar, mas ele me ensinou como ter uma postura em palco, como ter fôlego, porque eu peguei a época que era ali nas Dores, a nossa saída era o trevo ali e ia até a frente do Coração de Maria, onde era o Palanque Oficial, nós tínhamos que vim sambando, não era só sambando de lá até aqui e ele, simplesmente, diz: “Flutua. Vai para um lado, vai para o outro. Tu não precisa se cansar, só vai caminhando em um estilo como se fosse desfilando”. Realmente eu estava, mas era uma maneira de desfile. Quando eu subi no Palanque Oficial, eu estava descansada, eu não estava cansada e como ele disse: “Não se põe força como eu vi algumas coisas que tem que colocar força, o samba tem que ser assim ser suave. Tu tem que flutuar e sentir o pé”. É a única coisa que ele falava para mim e realmente foi uma apresentação, eu acredito que deve ter sido para ter ficado, que era todos os clubes, era todas as escolas de samba e eu ficar entre as 3 horas, foi maravilha e eu nem esperava, porque tantas meninas né, então, foi muito gratificante.

Então, essa minha passagem por ter aprendido outras danças dentro do samba foi muito bom, muito bom, então, eu não sou contra, desde que coloque dentro do Samba, como foi colocado. E eu tive essa experiência foi muito boa.

Parte recebida por e-mail:

1 – Você conhece a história do samba em Santa Maria?

Mais ou menos, os primeiros acordes de samba chegaram na década de 30 em Santa Maria. Quem deu o ponta pé inicial, que se tornou um personagem importante na cidade foi o José Luis Gesat. Hoje com mais de 88 anos ele se tornou um ícone dos velhos seresteiros.

2 – Como Ele chegou aqui?

Chegou em 1930, pelos trilhos do local onde é conhecido atualmente como Gare da Estação.

3 – Como ele se difundiu no Município?

O samba se difundiu pela cidade através do fluxo de pessoas que vinham para a cidade de fora, seja para estudar ou trabalhar. Os quartéis através de suas bandas também ajudaram nessa disseminação do ritmo.

4 – Você participa de alguma associação voltada a prática do samba?

Sim, a escola de Samba Unidos do Itaimbé a qual eu faço parte desde os anos 80.

5 – Fale sobre a sua vivência em eventos relacionados ao samba em Santa Maria?

Eu iniciei nos eventos de samba com 16 anos, vendo meus amigos e irmãos fazendo serenatas nas casas de amigos. Em meados de 1982 eu fui Rainha do Carnaval e Princesa da Cidade no Clube 13 de Maio, depois fui diretora do grupo de mulatas da escola de samba Unidos Do Itaimbé e fui durante 13 anos estandarte da mesma.

Desde então nunca abandonei o samba. Fiquei por um bom tempo, aproximadamente 10 anos coreografando um outro grupo da escola e também o casal de Porta Bandeira e Mestre-Sala.

A participação mais ativa foi como Presidente da escola Unidos Do Itaimbé, onde permaneci como tal por 5 anos, onde pude contar com a vitória em 3 anos, os outros 2 não teve desfile de carnaval na cidade.

Atualmente, continuo atuando e participando nos eventos sambistas como jurada, tanto em desfiles como em concursos de coroação, em cidades próximas e também em santa maria.

6 – Na sua opinião, como o samba se agrega no contexto sociocultural de Santa Maria?

Através dos eventos promovidos, trazendo diversidade, gêneros e o samba jamais deixará de ser uma arte também. Os desfiles sempre promoveram muito e sempre trouxe muitas histórias através dos temas escolhidos pelas escolas.

7 – Pensando na realidade de Santa Maria, em relação às cidades que são consideradas berço do samba....?

Sim, têm bastante diferença pois, os passistas dos locais onde é considerado o berço do samba, têm mais desenvoltura, são menos tímidos, e sempre costumam seguir a cadência que sua escola sugere, ou seja, é uma questão mais cultural do próprio ambiente, posso dizer que até a forma como as pessoas dançam têm identidade, tem cultura, referente ao ambiente que vivem.

Aqui em Santa Maria, acredito que sigam tudo isso, mas acredito que os sambistas da cidade, sejam mais tímidos na hora de dançar.

8 – O samba foi criado no Brasil e, hoje, é considerado uma das danças de maior destaque e reconhecimento para ?

Antes poderíamos dizer que sim, pelo molejo já que era algo cultural da própria raça negra. Mas atualmente não podemos dizer mais isso. Tanto temos ícones do samba hoje de tudo quanto é raça, definindo que não é preciso saber negro para saber sambar.

9 – a história do samba em Santa Maria vem se desenvolvendo em diferentes espaços sociais....?

Sim, é possível notar a diferença. Pois, em escolas de samba as cadências sugerem movimentos mais ágeis, mais rápidos.

Clube Social – É um samba mais suave, com cadência mais tranquila

Desfile – É caminhar para um determinado destino, movimentar-se de forma a comprovar uma entrega total ao samba que exige do sambista uma sincronia perfeita de movimentação do corpo porém, com total liberdade para exibir a sua coreografia durante o percurso da avenida.

Concurso – Têm muitas variedades por ter um corpo de jurados presente. O samba no pé é o mais cobrado, as coreografias tem ser colocadas cuidadosamente dentro do samba.

10 – O que você pensa sobre a inserção de passos de outras danças na execução do samba?

Eu gosto dessa idéia pois, já pratiquei essa experiência, mas é preciso saber colocar esses passos dentro do samba sem exagero, sem fugir da proposta do samba apresentado. Têm que ter a cadência do samba.

11 – Em Santa Maria, pode – se dizer que o samba ocupa um lugar de destaque na sociedade? Por que?

Há um tempo atrás sim, atualmente acredito que não pois, uma porção dos nossos espaços estão sendo esquecidos e se perdendo, um exemplo disso é o nosso carnaval de rua que já não temos a 5 anos.

12 – o samba é a dança de referência do carnaval em uma cidade ... ?

Não pois, se fizesse parte eles não deixariam nossos espaços abandonados, e realizariam nossos carnavais de rua, pois mesmo em clubes é possível ver que deu espaço para outros ritmos. Como Funk, sertanejo entre outros.

13 – Em 1968, através da lei Municipal N...?

A cidade cultural não é conhecida apenas pelos eventos carnavalescos, há outros fatores culturais na cidade que ainda permanecem como teatros entre outros que ainda fazem jus ao título.

14- Gostaria de indicar para responder essa pesquisa a Rosane Garcia

ANEXO E – RESPOSTAS DO COLABORADOR 5 (C5)

1. Você conhece a história do samba em Santa Maria?

2. Como ele chegou aqui?

3. Como ele se difundiu no município? (resposta para todas as perguntas ↷)

O real surgimento do Samba em Santa Maria, não tenho conhecimento. Mas se tem registros de grande contribuição da linha férrea que trouxe militares do Rio, para os quartéis de Santa Maria na década de 30, trazendo em suas bagagens, o samba. Em 1931 Lupicínio Rodrigues (escritor porto alegreense), foi promovido á cabo do exército, transferido para Santa Maria. Com certeza essa mistura de povos que os quartéis proporcionam espalham culturas nas nações até hoje.

2. Você participa de alguma associação voltada à prática do samba?

Na atualidade, sou carnavalesco da escola de samba “ Barão do Itararé “, e trabalho para ateliê especializado em roupas para a dança do Samba.

3. Fale sobre a sua vivência em eventos relacionados ao samba em Santa Maria?

Em Santa Maria sou artista plástico, que me levou ao samba, através de figurinos para desfiles das agremiações de Samba, e rainhas de Carnaval de clubes e cortes. Escola de samba “Unidos do Itambé”, “Mocidade Independente do bairro Dores “, “Barão do Itararé “, “Clube Comercial “. “ Clube de atiradores Santa Mariense”, “Grêmio da vila Chirme”, “Caixerai Santa Mariense”, foram alguns dos palcos, que executei trabalhos, sempre tentando adaptar minhas experiências que tenho a anos com o carnaval carioca. Foram difíceis e glorificantes vivências em certos momentos devido a falta de recursos que me podavam na criação de certos desejos de por em prática algo que surpreendesse de certa forma o expectador, com o belo casamento do samba com belos figurinos.

4. Na sua opinião, como o samba se agrega no contexto sociocultural de Santa Maria?

A cultura em Santa Maria é mais valorizada nas classes médias, onde ao meu ver o pessoal absorve com mais facilidade o ritmo. E também tem o fator das diversificadas etnias que de certa forma dividem o espaço com o samba. Mas nos últimos tempos com o surgimento de bons grupos de samba os bares e casas noturnas estão conseguindo atrair mais diferentes públicos.

5. Pensando na realidade de Santa Maria, em relação às cidades que são consideradas berço do samba no Brasil, principalmente Rio de Janeiro, você acha que existem variações significativas no samba apresentado por passistas e demais integrantes de escolas de samba? Sim, com certeza existe variações.

Pois no RJ, existe a profissão passista de samba, que durante praticamente o ano todo dançam em casas de shows no Brasil e no mundo afora. Com suas constantes rotinas de samba, a questão corporal é bem diferente, que já flui com mais naturalidade num corpo que já respira samba, do que outro que pratica somente em época de Carnaval. Em Santa Maria existe uma cultura que uma mulher para ser uma rainha ou musa do samba adulta, tem que ter 15 á 20 anos no máximo (magra, com corpo de modelo). Já em outros lugares, não só no Rio de Janeiro (Cruz Alta RS como exemplo), se vê deslumbrantes musas do samba, com seus corpos esculturais e

formas arredondadas de meia idade (23 á 58 anos), espalhando sensualidade. São mulheres advogadas, empresárias, médicas e donas de si.

6. O samba foi criado no Brasil e, hoje, é considerado uma das danças de maior destaque e reconhecimento para a cultura brasileira. Trazido pelos escravos africanos, originou-se na Bahia e Rio de Janeiro, estando, inicialmente, associado a elementos religiosos nos quais os rituais ocorriam através da música e da dança e, posteriormente, foram miscigenados a ritmos europeus. Considerando essa afirmação, você acha que a habilidade de dançar samba está relacionada à raça? Se sim, qual?

Vendo pelo lado dos ancestrais as raças foram misturadas ao longo dos tempos. E sim quando se diz o ditado popular “ essa menina(o), tem o pé na cozinha “ . Já se sabe que lá atrás derrepente era de origem africana .

7. A história do samba em Santa Maria vem se desenvolvendo em diferentes espaços sociais e culturais, principalmente em escolas de samba, clubes sociais, desfiles e concursos de carnaval. Você consegue perceber variações nos passos de samba, considerando os diferentes locais onde ele é dançado?

A questão envolve adequação devida da maneira que se irá dançar o samba. O mesmo passo pode ser dançado lentamente em um certo ambiente, e freneticamente em outro. A beleza do samba está em não vulgariza-lo.

8. O que você pensa sobre a inserção de passos de outras danças na execução do samba?

O povo brasileiro é perito no gingado e em criações em cima de já existentes. Tudo é questão de gosto pessoal. O samba, como é cheio de variáveis e remexos, apoio um belo passo de Jazz, sem exageros, assim como um passo afro inserido no mesmo. Hoje em dia a evolução do Samba e variáveis, mais se da na interpretação da letra como forma de concurso de dança. E também temos que avaliar qual finalidade que é destinado o samba. Se é comercial meio show. Ou para mostrar o samba de raiz que não aceita intervenção de outros ritmos.

9. Em santa Maria, pode-se dizer que o samba ocupa um lugar de destaque na sociedade? Por quê?

Talvez já tenha ocupado, bem vou falar por minha experiência a partir do ano que fixei residência em SM, 1983 em diante. Anos 80 e 90 SM, o samba ocupava sim, um lugar de destaque na cidade. A existência do carnaval de rua, proporcionava vários elos do samba. Os bares mesmo no auge do inverno, tinham lá seu samba. Os finais de semana as rodas de samba atraíam um números expressivos de sambistas, que iniciava as 11 horas da manhã e se ia ao frescor do entardecer. Os desfiles das escolas de samba movimentavam a cidade e o comércio agradecia. As noites dos ensaios ao ar livre nas agremiações (quadras de escola de samba) lotadas. Os concursos de rainha do Carnaval com suas musas esplêndidas e torcidas organizadas faziam pulsar o coração dos amantes do samba. Da mesma forma impulsionava o Carnaval de salão nos clubes sociais, que também com seus blocos de salão iam para a avenida do Samba. Metade dos anos 2000 para cara, foi perdendo sua força. Hoje infelizmente tudo que se plantou não existe mais. Portanto o samba não tem destaque em SM nos dias de hoje, mas torço para que volte.

10. O samba é a dança de referência do carnaval. Em uma cidade como Santa Maria, que há 5 anos abandonou esta festa popular, pode-se dizer que o samba faz parte da identidade cultural do município?

Foi comprovado pela aceitação de seu povo, que o samba em SM pode fazer morada. A identidade cultural, pode sofrer oscilações, completamente normal, quando envolve o fator econômico e administrativo local.

11. Em 1968, através da Lei Municipal N. 1322/68, Santa Maria recebeu a denominação de Cidade Cultura. Analisando o atual panorama sociocultural deste município, você acha que Santa Maria ainda merece esse título?

Pois bem, a história de SM ser chamada de cidade cultura. Erroneamente é divulgada, poucas pessoas sabem. Título de cidade cultura SM recebeu, devido muito antigamente o transporte via estrada de ferro era o mais usado e eficaz para a época. Então todas as CIA de espetáculos (teatro, show, dança e etc), para chegar nos grandes centros culturais do Brasil (São Paulo principalmente), faziam paradas em SM, pois era rota dos países vizinhos, Argentina e Uruguai. Então aqui feita a parada, já aproveitam e se apresentam. Eu particularmente não vejo a caracterização desse título “Cidade cultura”, pois hoje existe aqueles que esforçam para ter eventos, mas as administrações municipais, não andam em união para que tais eventos sociais culturais se mantenham. Entre vários eventos o próprio carnaval, que devido não ter na cidade, faz que apaixonados por carnaval e samba façam migração pendurar e sazonal nas cidades vizinhas e até distante, seja para prestigiar o samba ou para prestigiar sua arte carnavalesca.

12. Você tem como indicar outras personalidades que poderiam contribuir com esta pesquisa?

Sim. Joaquim Pereira de Lucena Neto (celebridade do Carnaval do RS e SM) praticamente meu mestre que me inseriu no carnaval de SM. Número: [número do telefone suprimido por questões éticas].

Romeu do Nascimento. (uns dos mais antigos sambistas que contribui até os dias de hoje na tão preciosa arte) Número: [número do telefone suprimido por questões éticas].

13. Há mais informações que você queira registrar sobre o samba em Santa Maria?

Devido ao grande número de quartéis existente em Santa Maria, o Samba ganha força pelos seus integrantes que como já citei em pergunta anterior. Trazem as culturas de outros estados e cidades.

Exemplos atuais: Olimar de Oliveira e Joaquim Lucena ambos militares.

Muito obrigado por sua colaboração!

Eu agradeço dentro da minha simplicidade e confiança a oportunidade de colaborar com seu trabalho brasileiroíssimo. Parabéns pelo tema.

ANEXO F – RESPOSTAS DO COLABORADOR 6 (C6)

1. Você conhece a história do samba em Santa Maria?

Sim.

1.1. Como ele chegou aqui?

Chegou aqui através de grupos de pessoas que se reúnem para escutar os sambas trazidos por pessoas que moravam na cidade do onde Rio de Janeiro onde lá o samba estava em evidência e através das rádios.

1.2 Como ele se difundiu no município?

Através de clubes sociais, que viraram escolas de samba tendo como a pioneira os Acadêmicos

2. Você participa de alguma associação voltada à prática do samba?

Sim, hoje estou presidente da Associação Aliança pelo Samba.

3. Fale sobre a sua vivência em eventos relacionados ao samba em Santa Maria?

Iniciei em um bloco onde disputávamos concursos com outros blocos da cidade, logo após fui convidado para assumir a bateria da escola de samba Imperatriz Academia do Samba depois a Mocidade das Dores, posteriormente assumi a direção de carnaval da Escola de Samba Vila Brasil, mais tarde a presidência, chegando associação das escolas de samba e sendo membro da FENASAMBA.

4. Na sua opinião, como o samba se agrega no contexto sociocultural de Santa Maria?

Em muitos fatores até porque a cadeia produtiva que está sendo quebrada, tendo a visão que muitos acham que o carnaval é só em fevereiro e que é gasto mas não tem a visão do rendimento para as comunidades e cidade.

5. Pensando na realidade de Santa Maria, em relação às cidades que são consideradas berço do samba no Brasil, principalmente Rio de Janeiro, você acha que existem variações significativas no samba apresentado por passistas e demais integrantes de escolas de samba?

Sim, até porque cada região tem suas características culturais próprias.

6. O samba foi criado no Brasil e, hoje, é considerado uma das danças de maior destaque e reconhecimento para a cultura brasileira. Trazido pelos escravos africanos, originou-se na Bahia e Rio de Janeiro, estando, inicialmente, associado a elementos religiosos nos quais os rituais ocorriam através da música e da dança e, posteriormente, foram miscigenados a ritmos europeus. Considerando essa afirmação, você acha que a habilidade de dançar samba está relacionada à raça? Se sim, qual?

Não, embora se tenha a cultura que os negros tenham habilidade para dançar não podemos esquecer que o carnaval teve sua origem na França tendo como ápice a expressão corporal de cada pessoa.

7. A história do samba em Santa Maria vem se desenvolvendo em diferentes espaços sociais e culturais, principalmente em escolas de samba, clubes

sociais, desfiles e concursos de carnaval. Você consegue perceber variações nos passos de samba, considerando os diferentes locais onde ele é dançado?

Sim tem, mas não pela diferença de clubes sociais, desfiles e concursos de carnaval, mas pela execução dos seus coreógrafos.

8. O que você pensa sobre a inserção de passos de outras danças na execução do samba?

Perde a essência da expressão corporal.

9. Em Santa Maria, pode-se dizer que o samba ocupa um lugar de destaque na sociedade? Por quê?

Não, porque não é visto como fonte de entretenimento e sim um gasto não rentável.

10. O samba é a dança de referência do carnaval. Em uma cidade como Santa Maria, que há 5 anos abandonou esta festa popular, pode-se dizer que o samba faz parte da identidade cultural do município?

Sim pelo legado de 1980 onde fomos uma das referências do carnaval do Rio Grande do Sul, mas não pelo atual momento.

11. Em 1968, através da Lei Municipal N. 1322/68, Santa Maria recebeu a denominação de Cidade Cultural. Analisando o atual panorama sociocultural deste município, você acha que Santa Maria ainda merece esse título?

Não pois abandonamos o cenário da cultura não só popular mas em todos os sentidos

12. Você tem como indicar outras personalidades que poderiam contribuir com esta pesquisa?

Sim, Anderson Braz, Luciano Santos, Nia Paulo Silveira, Alcione Flores do Amaral, Serginho Marques, Mestre Marcão, Jupira.

13. Há mais informações que você queira registrar sobre o samba em Santa Maria?

Acredito que o samba irá se reinventar como sempre o fez.

ANEXO G – RESPOSTAS DO COLABORADOR 7 (C7)

Transcrição de áudio:

1. Eu conheço um pouco assim da história do samba né porque eu nasci em 85, o carnaval já existe muito antes né? Eu sei que existiu uma escola que, se não me engano era a Acadêmicos do Samba que era na frente da primeira escola de SM, que é na frente de onde meu pai e minha mãe moram. E aí, posteriormente veio a Vila Brasil, se não me engano, a escola mais antiga, mas eu não tenho certeza desses dados. E aí vão surgindo outras escolas de samba e é isso que eu sei mais ou menos. À medida do tempo foram vindo outras escolas de samba, o público foi crescendo e se tornou o carnaval de Santa Maria.

2. Não participo de associação. Apenas dou aula

3. Desde os 7 anos, eu era rainha de festa da Vila Brasil. A amiga da minha mãe convidaram ela para a sociabilidade negra do samba. A sociabilidade negra de Santa Maria. Na década de 70, frequentava muito os clubes negros, porque os negros não podiam frequentar os clubes brancos, eles sofriam muito preconceito e aí a sociabilidade negra de Santa Maria se conhecia, sabe? E aí foi numa dessas que, posteriormente, sabiam que a Vanda e o Marsal tinham uma filha, assim como é hoje em dia que a gente já fica tentando as meninas. E assim que eu fiz 7 anos eu fui convidada para ser rainha de festa. E aí eu participei de vários eventos, eu tive vários títulos pela Vila Brasil, posteriormente eu fui Pantera da Bateria. E aí quando eu completei 15 anos, a Vila Brasil me convidou para concorrer no Rainha do Carnaval de Santa Maria e aí quando eu concorri a Rainha do Carnaval de Santa Maria “buf”, o Farrezão que é o Centro Desportivo Municipal, que é o CDM, ele subiu, foi uma loucura e, desde então, comecei a trabalhar com o samba, desde os meus 15 anos. E aí eu participei de muitos eventos, eu tive muitos títulos, eu fui 2ª Princesa dos Blocos, 1ª Princesa do Carnaval de Itaara, aí depois eu fui para o Rainha Regional do Carnaval e aí junto a isso eu já fui a 1ª Princesa do A Mais Bela Negra do Rio Grande do Sul e participei de muitos eventos, fui jurada em muitos eventos, participei dançando, me apresentando, comecei a ter muitas alunas e as minhas alunas participavam dos eventos. Eram muito legais também os eventos nas Escolas de Samba, tinha o Carnaval de Bairros, daí uma Escola visitava a outra Escola, em 2011, 2012, 2010, era muito bacana assim sabe e era muito legal essa interação das Escolas, que tinha uma disputa, mas também era muito bacana os eventos do Carnaval, escolha da Rainha, escolha da Rainha sempre era um “bum” assim, escolha do Samba Enredo também já levantou muita gente, Carnaval de Bairros, desfiles das escolas de samba que era um momento mágico. Todos esses eventos foram muito marcantes na minha vida inteiramente.

4. Eu acho que o samba se agrega ao contexto sociocultural de Santa Maria, porque o samba é cultura, embora ele seja desvalorizado né, ele é cultura e é importante. Acho que ele é muito importante para a cultura de Santa Maria, para o contexto sociabilidade e cultura.

5. Eu acho que as assistas, os integrantes das escolas de samba se espelham muito no Rio de Janeiro e acho que isso é uma pena, porque cada cidade, cada estado

possui suas características e ia ser legal se eles conseguissem manter as características né, o que não acontece. Geralmente, os passistas do Rio Grande do Sul buscam também se inspirar nos passistas do Rio de Janeiro, por exemplo, porta-bandeiras, mestres salas, tudo se espelham no Rio de Janeiro e em São Paulo. Então, eu acho que ainda tem algumas características, principalmente porque no Rio de Janeiro e em São Paulo tem uma mídia por trás e em outros estados, como no estado do Rio Grande do Sul, com exceção de Uruguiana, não tem essa mídia.

6. Eu acho que a habilidade do samba não, necessariamente, está ligada a raça, mas é importante dizer que a origem do samba, como tu diz ali na pergunta, é uma origem negra né, o samba vem da negritude, só que o país, o Brasil é um país miscigenado né, hoje, cada dia mais a gente está miscigenado né, se a gente for ver até a nossa própria sociedade é assim. Eu acho que trata-se de uma questão de identidade, de pertencimento, é a pessoa que nasce naquela comunidade, a pessoa que vive aquilo desde o início, então aquela pessoa acaba sendo uma amante do samba, sendo aquela pessoa que é realmente samba de corpo e alma, como se fala, mas dizer que só pessoas negras dançando, que só pessoas negras são do samba é errôneo. Têm ótimos intérpretes brancos, têm ótimos sambistas, passistas, porta-bandeiras, mestre-sala, o que a gente não pode deixar é que aconteça uma apropriação cultural em que só brancos tenham espaço, lugar de destaque e os negros não tenham destaque, os negros ficam só empurrando os carros alegóricos enquanto os brancos estão em cima, acho que tem que ter esse cuidado com a apropriação cultural sim, de modo que é meio contraditório, o samba ser de origem negra e em Santa Maria, quantos anos foram só de Rainhas brancas, né? Sendo que não tinham rainhas negras, sendo que o samba é de origem negra e que a grande maioria que tá na escolas de samba são, pelo menos em Santa Maria, metade é negra, que frequenta escolas de samba. Então, tem que pensar nessas questões, porque só as brancas ganhavam até pouco tempo atrás, né? Porque que os presidentes são somente brancos, né? Eu acho que a escola de samba ela deve refletir também a sociedade, deve ter essa miscigenação e cuidar para não só os brancos terem lugar de destaque enquanto os negros ficam atrás, sendo que os negros que foram os originários, mas dizer que mulheres brancas não sambam, que homens brancos não podem ser excelentes intérpretes é errado. Eu acho que é uma questão de pertencimento, de amor, de corpo, de alma, de sangue, de identidade com aquele lugar.

7. É, existem variações sim. Existe a pessoa que samba muito facilmente, que arrasa, que é muito boa com a bateria de Escola de Samba, que o tambor da Escola de Samba é algo que nos auxilia, mas por outro lado essa pessoa às vezes em um concurso de carnaval não se sai tão bem porque é uma música tocada, ela não sente a mesma vibração para dançar né, tem muitas pessoas que acontece isso né. É complexo, eu acho que o passo, a escola de samba, a bateria da escola de samba é o laboratório onde tu aprende a sambar né, tu fica ali na frente da bateria sambando e ali tu vai inventando e ali tu vai criando, aquele é o teu espaço de criação. Eu acho que quando vai para as coreografias, o samba muito coreografado, eu acho que tu já vai para outro lugar, não dá para desmerecer um lado nem outro, porque até eu já fiz muitas coreografias para as candidatas, por exemplo, não dar branco, no nervosismo do concurso da branco né, mas eu acredito que dependendo das vivências que a pessoa teve, sim, acaba que se inter cruzando, porque, às vezes, as pessoas, os professores de samba estão tanto nos clubes sociais como estão nas escolas de samba, como estão nos outros espaços. Então, alguns movimentos se inter cruzam, eu acredito que sim, mas dizer que é totalmente diferente, acho que cada uma tem a sua vivência,

quem vem do clube, quem vem da escola de samba, tem uma vivência diferente né, mas depende de como essa pessoa está se intercruzando, por exemplo, tu é do ATC desde pequena e tal, mas tu também é do Itaimbé, então tu traz essas identidades contigo, essas identidades elas estão se intercruzando, tu não é só do Itaimbé e tu também não é só do ATC né, eu acho que é isso. Agora, tem pessoas, tem mulheres que são só do Itaimbé, tem mulheres que não querem ir pro clube e tem umas que só vem do clube, então sim, vão ter suas diferenças, mas depende do entrecruzamento das pessoas.

8. Eu acho super válido a inserção de outros movimentos. Eu acho super válido no samba, eu acho válido a criação, a pessoa trazer a sua identidade, a sua criação, o seu próprio samba, os seus próprios movimentos, mas eu acho que é importante não parar de sambar né, o samba tem que sobressair os movimentos, mas, por exemplo, a Pâmela Negreta ali né, que ganhou o Rainha do Carnaval, ela é muito funkeira e a gente colocou um quadradinho que ela subia e descia aquele quadradinho e subia perfeitamente né e descia perfeitamente, então, “bah” que bacana que ela conseguiu colocar o quadradinho dela no samba e tá tudo ok sab? O que tem que ter cuidado é para não só dançar funk lá sendo que tem uma bateria tocando, mas um movimento que ela possa fazer sei lá se é uma bailarina ela consegue fazer uma boa abertura e um pé lá no alto né, qual é o problema, não tem problema, mas o samba tem que sobressair a qualquer estilo de dança, não pode estar a bateria tocando e tu só dançando ballet ou só dançando funk ou só dançando afro , mas tu pode trazer as tuas identidades, na minha opinião né, tuas identidades e experiências pro samba.

9. Não sei se o samba ocupa esse lugar de destaque. Eu acho que até tem seu lugar de destaque, mas é só momentâneo, ele em janeiro e fevereiro e deu, ponto, acabou. Eu acho que é isso sabe, Gika? Então, eu acho que, bom, lembra aquela vez que a gente foi no Santa Maria em Dança que a gente foi bem desvalorizada, enfim né, eu acho isso. Eu acho que destaque, destaque mesmo seria se todo ano tivesse esse culto ao samba e não tem né. Se pensar em samba, ele até ganha um destaque, mas ele é um destaque momentâneo e olhe lá, por exemplo, em pandemia, quem é que está pensando em carnaval e em samba? Quanto tempo não tem carnaval em escola de samba? Falam dos buracos das ruas e os buracos das ruas continuam né? Então, não é tão destaque assim, tem que pensar muito sobre todo o contexto atual e o que que se faz pelo samba, né? Ele é importante para Santa Maria, mas ele não ganha o destaque que ele merece.

10. Eu acho que aos poucos tá perdendo essa identidade cultural do município, sabe? Tu pergunta ali, porque eu tenho identidade cultural da Vila Brasil, da Barão, dos concursos, tu tem a tua identidade cultural, mas e a Dandara? Vamos pensar na Dandara. 6 anos, a Dandara não sabe o que é ir em uma Escola de Samba. A Dandara no primeiro ano, quando eu estava em Campinas, foi o último ano que teve carnaval em Santa Maria. E aí? Desde que ela voltou não tem carnaval, ela não sabe o que é ir para frente de uma bateria sambar, então, essa referência, se ela seguir se apagando, vai cair, porque é passar o samba para os mais novos e não tá acontecendo isso, porque a gente até passa em casa na música, na dança, mas ela não tem a vivência de ir para uma escola de samba, de ir para um clube que está tocando samba, ela não tem isso aí do sambão mesmo. Então, eu acho, porque o samba, por mais que tenha nos clubes, o bom é a escola de samba, então, eu acho, que ainda não se perdeu, porque faz pouco tempo, são 6 anos, mas a medida do

tempo, se seguir assim, por exemplo, mais 6 anos, uma criança de 12 anos não vai ter vivido Carnaval em Santa Maria.

11. Não acho que Santa Maria é cidade cultura, não acho mais não, olha o que a gente tem para fazer sábado e domingo, né? O que tem de cultura para... né? Não tem nada de cultura para a gente. A não ser que a gente pague por alguma coisa, a gente pague para ir em um bar e ver um pagode, a gente paga para ir em clube, mas a valorização da cidade para cultura, tipo: hoje tem evento tal, amanhã tem evento tal, não tem. Já teve. Nossa, me lembro de paradas gays, me lembro de evento de 7 de setembro. Consciência negra não lembro muito, mas antes era muita coisa, a pracinha do Mallet tinha bastante coisa, no centro tinha bastante coisa, era muita coisa, no CDM, acho que tu nem lembra, tu era pequena, hoje não tem mais. Então, acho que hoje não mais tanto.

12. Pessoas para se informar sobre o carnaval de Santa Maria tem a minha prima Lilian, que foi Rainha do Carnaval do Minuano, concorreu a Rainha do Carnaval, acho que foi a primeira compositora mulher de Santa Maria, professora de samba também. Tem a Danielle Pompeo, que agora está em Porto Alegre, mas igual, é tudo online, que também foi Rainha do Carnaval de Santa Maria, foi 1ª Princesa do Carnaval de Santa Maria, também foi Rainha do Carnaval de Cruz Alta e também é porta bandeira da Imperadores, ela é uma sambista completa, assim que já foi em muitos lugares. E aí tem várias outras pessoas.

ANEXO H – JORNAL A RAZÃO: NÃO VAI TER SAMBA NA AVENIDA

A RAZÃO TERÇA-FEIRA, 19 DE JANEIRO DE 2016

GERAL 7

Não vai ter samba na avenida

PREFEITURA ALEGA OUTRAS PRIORIDADES E CANCELA REPASSES PARA O CARNAVAL NA LIBERDADE

FABRÍCIO MINUSSI

A Prefeitura não irá mais investir no desfile das escolas de samba na Avenida Liberdade em 2016. A decisão foi anunciada pelo próprio prefeito César Schirmer (PMDB), na manhã desta segunda-feira, em entrevista coletiva concedida no Gabinete da SUCV. O motivo alegado é a necessidade de ter que investir em outras áreas consideradas prioritárias pela Administração Municipal.

Ainda na semana passada A Razão trouxe com exclusividade a informação de que o Município já havia decidido não realizar a programação do Desfile das Campeãs como medida de contenção de despesas e que estudava alternativas para que a festa na Avenida Liberdade, com investimentos públicos, pudesse ser mantida.

O orçamento inicialmente previsto de R\$ 800 mil havia sido reduzido para cerca de R\$ 500 mil. No entanto, após recomendação da secretária de Município de Finanças, Ana Beatriz Barros, Schirmer tomou a decisão de cancelar os repasses para as escolas de samba e verbas para garantir a estrutura do evento. Com isso, fica suspenso o repasse de R\$ 35,5 mil para cada uma das sete escolas de samba que desfilariam na Avenida Liberdade. O recurso tinha como origem rubrica da Secretaria de Município da Cultura. O restante do valor orçado vinha de recursos livres da Prefeitura.

"Fizemos o levantamento dos custos do evento e a arrecadação dos principais impostos em queda durante o ano de 2015 e chegamos à conclusão de que a realização da festa, nos termos em que nos propomos a realizá-la, seria inviável. No entanto, embora as nossas condições financeiras sejam regulares, a perspectiva nos obriga a priorizar recursos", comentou Schirmer. (Leia mais sobre o assunto na página 9)

O prefeito também invocou os prejuízos das chuvas e vendas de 2015 da ordem de R\$ 19 milhões e a dívida do Estado com o Município de R\$ 7 milhões. "Por isso, estamos cancelando os investimentos públicos no Carnaval de 2016. Lamentamos a decisão. Fizemos um esforço, mas não temos como arcar com essa despesa", comunicou o prefeito.



Festejado por retomar desfiles na Liberdade Schirmer alegou dificuldades para investir no Carnaval

Após anúncio teve reunião e bate boca

Imediatamente após o anúncio do cancelamento do repasse de recursos para as escolas de samba os presidentes das sete agremiações se dirigiram até a Secretaria de Cultura na Gare. O encontro foi com a secretária Marília Chartune e o adjunto Josias Ribeiro. Os dirigentes queriam uma posição sobre a questão dos contratos já firmados pelas entidades carnavalescas,

com estúdios e outros serviços. O clima esquentou. Após discutir com Josias, o integrante do Conselho dos Presidentes das Escolas de Samba, Magno Garcia, se retirou do ambiente. Paulo Silveira, da Barão do Itararé, assumiu as tratativas. "Mas não teve jeito. A Prefeitura rompeu conosco. Vamos nos reunir nos próximos dias para decidir o que faremos. A inten-

ção é manter as atividades nas quadras, mas desfilarmos na avenida está descartado", afirmou. Marília lamentou o clima criado com o anúncio do prefeito. "Fizemos várias sugestões... Tínhamos algumas alternativas para apresentar mas o clima não permitiu. O Carnaval é só em março. Vamos achar uma saída para, quem sabe, promover um grande evento", comentou.

"Ou faz bem feito ou não faz nada..."

Ao se dirigir às escolas de samba de Santa Maria, o prefeito disse que "todos são testemunhas do esforço que fizemos para retomar o carnaval de rua na cidade, com investimentos e apoio às agremiações. Fizemos um esforço gigantesco, reduzin-

do valores para tentar garantir a realização da festa, mas não foi possível. Ou faz bem feito ou não faz. Somos parceiros das escolas. Se elas quiserem fazer outro tipo de programação, nas quadras ou nos bairros, estamos colocando a Secretaria de Mu-

nicipio da Cultura à disposição", concluiu Schirmer. Ainda no final de 2015, durante almoço de prestação de contas à imprensa, o prefeito disse que o Carnaval era a única festa popular, da qual não abriria mão de realizá-la, o que acabou não se confirmando.

"Isso foi uma total falta de respeito"

"Uma total falta de respeito". Foi assim que Magno Garcia classificou, quando soube por A Razão, do anúncio do cancelamento dos repasses para o Carnaval de Rua. Segundo ele, "a Prefeitura deveria ter comu-

nicação, primeiro, as agremiações, antes de ir para os rádios e jornais", disparou. A indignação do carnavalesco foi postada em seu perfil pessoal no Facebook com a foto de um palhaço. "Nos fizeram acreditar que haveria

a festa. Teve decreto assinado estabelecendo datas e compromissos a serem cumpridos pelas escolas. Algumas já haviam celebrado contratos com prestadores de serviços. E agora, como fica", questionou Magno.

Até a primeira dama entrou no circuito

O cancelamento do repasse de verbas para a realização do Carnaval de Rua de Santa Maria recebeu manifestação, também, da primeira dama Fátima Schirmer. Ela postou um comentário no Facebook do advogado Bruno de Menezes, que fez críticas ao can-

celamento da festa, citando investimentos realizados em outros eventos que, segundo ele, não teriam o mesmo apelo popular que a Folia de Momo. Ele elencou a Tertúlia, Festival de Balonismo, Feira do Livro, Concursos Fotográfico e Literário e Natal na Pra-

ça. "Em 2015 a Prefeitura aplicou no Carnaval recursos maiores do que em qualquer um dos eventos culturais que citastes. A Prefeitura apenas cancelou o repasse de verbas públicas, mas nada impede que o Carnaval aconteça", respondeu a primeira dama.

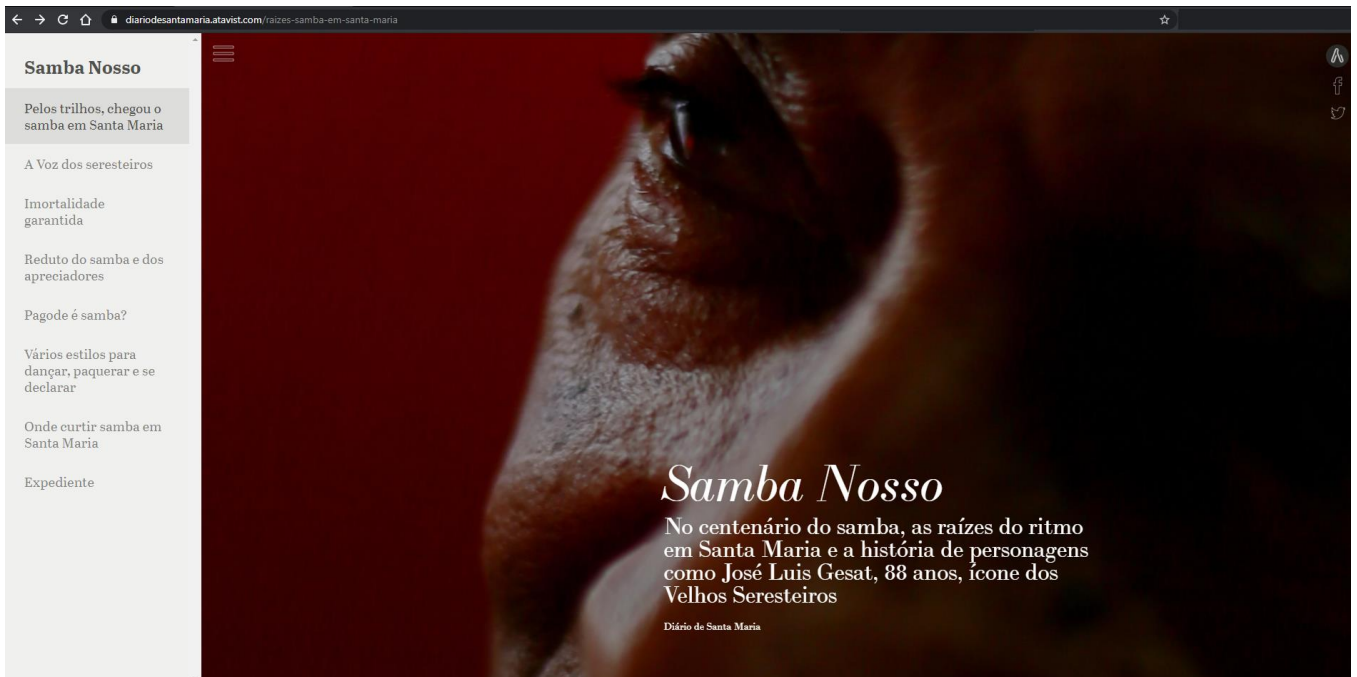
REPERCUSSÃO NA CORTE

Há 35 anos como Rei Momo do Carnaval de Santa Maria, Jaime Flores lamentou, nesta segunda-feira, a decisão de cancelar os repasses para o carnaval de rua. "A esperança é a última que morre. O Carnaval é da massa, do povão que gosta de festa. É só ir nas vilas e bairros e perguntar o que acham do Carnaval. Tem gente que reclama. Que não gosta da festa e critica os gastos. Situação braba essa do nosso prefeito. Se viu obrigado a tomar uma decisão em cima de uma crise, sob pressão. Sabemos das dificuldades do povo. Já vi esse enredo antes. Tenho certeza de que ele queria o Carnaval. É uma alegria a menos. Quem sabe a gente ainda possa promover uma Muamba ou algo parecido?", sugeriu Jaime Flores.

APROVAÇÃO NAS REDES SOCIAIS

A decisão da Prefeitura de cancelar o repasse de recursos públicos para a realização do desfile das escolas de samba teve ampla aprovação nas redes sociais. Até às 18h desta segunda-feira, eram mais de 90 mil visualizações, 800 compartilhamentos e mais de duas centenas de comentários nas publicações de A Razão no Facebook. A cada dez comentários, nove aprovavam a decisão anunciada pela Prefeitura.

ANEXO I – SAMBA NOSSO (PARTE INICIAL) – DIÁRIO DE SANTA MARIA



diariodesantamaria.atavist.com/raizes-samba-em-santa-maria

Samba Nosso

- Pelos trilhos, chegou o samba em Santa Maria
- A Voz dos seresteiros
- Imortalidade garantida
- Reduto do samba e dos apreciadores
- Pagode é samba?
- Vários estilos para dançar, paquerar e se declarar
- Onde curtir samba em Santa Maria
- Expediente

Samba Nosso

No centenário do samba, as raízes do ritmo em Santa Maria e a história de personagens como José Luis Gesat, 88 anos, ícone dos Velhos Seresteiros

Diário de Santa Maria



Gabriel Haasert, Especial, Agência RBS

No Coração do Rio Grande do Sul, Estado marcado pela forte cultura regionalista, também pulsa o mais brasileiro dos ritmos. Embora não tenha seu berço nesses pagos – e registros documentais e fotográficos fossem raros à época –, o samba tem sua história arraigada em Santa Maria e segue pungente até os dias de hoje. Suas vertentes e seus representantes são referência aos amantes do ritmo, que celebrou, em 27 de novembro, seu centenário. O marco para a data é o registro, na Biblioteca Nacional, da canção Pelo Telefone, de Ernesto Joaquim Maria dos Santos, mais conhecido como Donga.



Arquivo Instituto Moreira Salles, divulgação

Se o registro oficial data de 1906 no país, em Santa Maria, os primeiros acordes do samba começaram a ser tocados na década de 30. Desde então, passaram por aqui expoentes do gênero. Poucos lugares no Brasil têm o privilégio de ostentar o título de berço de um clássico como Nervos de Aço, produzido aqui.

Em 1931, Lupicínio Rodrigues (1914-1974), conhecido inventor da dor de cotovelo, foi promovido a cabo do Exército Brasileiro e acabou sendo transferido para Santa Maria. Aqui, o músico conheceu Inah, um grande amor. O romance foi interrompido e inspirou a canção.

Ainda por essas bandas, nasceu outro sucesso de Lupi. Segundo relato do próprio músico ao jornal Pasquim, ele "ia descendo a Avenida Borges de Medeiros quando senti uma baíta saudade de casa". Surgiu, então, a composição Felicidade.